

MARCO AURELIO VIEIRA



AS MESMAS LASCAS,
DO MESMO PÓ

PROJETO QUINTEXTOS, HELENA FRENZEL ED

ÍNDICE

CRÉDITOS	(2)
SOBRE O VOLUME	(3)
NOTA DA EDITORA	(4)
FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO	(7)
VIVER	(9)
O GRANDE ESCRITOR	(11)
DANDARA PÃO DE AÇÚCAR	(14)
BRAVO GUERREIRO	(18)
ANJO VIOLADO	(20)
ELOS	(24)
AMOR DE MÃE	(26)
O PACIENTE	(32)
SUBMUNDO	(35)
PERDÃO OU VINGANÇA	(37)
ROSAS BRANCAS	(40)
A SUCURI	(43)
O POSSESSIVO	(46)
SALVADOR	(48)
O FOSSO	(50)
O PRISIONEIRO	(52)
O LOBO	(54)
O QUARTO DE ESPELHOS	(56)
A VIRGEM	(58)
ÀS TRAÇAS	(61)
O HOMEM QUE SECOU	(66)
O MALTRAPILHO DE OURO	(68)
O SANTO DA BAIXADA	(71)
A MOÇA E OS PEIXINHOS DOURADOS	(74)
O CRIME	(76)
O RITO	(79)
TRAMA	(82)
SOBRE O AUTOR	(86)

CRÉDITOS

© *Marco Aurelio Vieira*, 2015.

As mesmas lascas, do mesmo pó. Coletânea, Edição Especial: **Marco Aurelio Vieira**, 1a. Edição, **Helena Frenzel Ed.**, Setembro 2015.

Este volume é parte integrante do projeto Quintextos e não pode ser comercializado.

Copyright © 2015 Todos os direitos sobre os relatos neste volume estão reservados ao autor: *Marco Aurelio Vieira, Brasil.*

Marco Aurelio Vieira declara-se autor original dos relatos aqui reproduzidos. Assim sendo, detém todos os direitos autorais sobre os mesmos e assume as responsabilidades por tal declaração. Todos os relatos aqui reunidos estão sendo usados com a gentil permissão do autor e foram mantidos de acordo com os originais. Os textos deste ebook tratam-se de obras de ficção e não emitem ou representam, necessariamente, juízo ou opinião do autor e da editora.

Edição e imagem: Helena Frenzel.

Copyright © 2015 Todos os direitos sobre esta edição eletrônica estão reservados à editora: *Helena Frenzel, St. Ingbert, Alemanha*
(helenafrenzel@gmail.com)

Esta edição pode ser livremente distribuída sob uma Licença Creative Commons - Atribuição - Sem Derivações - Sem Derivados 2.5 Brasil (CC BY-NC-ND 2.5 BR), desde que na íntegra e com os devidos créditos de autoria. Não é permitido de modo algum comercializá-la, alterá-la e/ou usá-la no todo ou em parte para gerar obras derivadas.

Obra disponível para baixar em: quintextos.blogspot.com

SOBRE O VOLUME

As mesmas lascas, do mesmo pó
Coletânea, Edição Especial, 1a Edição

Textos de
Marco Aurelio Vieira

Edição: *Helena Frenzel*
Setembro de 2015

Esta publicação é parte do site Quintextos
(quintextos.blogspot.com)

Venda proibida

NOTA DA EDITORA

Há alguns anos, numa aula de literatura, lembro-me que discutíamos sobre uma das marcas mais características de regimes fascistas ser aquela que consiste em forçar a representação do mundo exatamente como ele não é, a saber: perfeito; e ‘perfeito’, aqui está claro, apenas dentro dos padrões de uma dada ideologia. Ou seja: no fascismo e em outros regimes do tipo, tudo o que puder ser usado para denunciar algo que destoe de uma ‘bela’ realidade será combatido até a extinção.

Interessante observar que, na História, períodos de controle e censura foram seguidos por períodos de marcante liberdade, pois tudo o que está preso um dia quer soltar-se, mas quando parece estar solto demais para ameaçar os interesses de quem está no poder, lá volta a censura e o controle, e assim vai. Daí que a fuga do politicamente correto e de falsas imagens da ‘perfeição’ é uma escolha corajosa que tem levado pessoas, ao longo da História, à condenação social e às prisões (reais ou metafóricas) no mundo todo, e é por isso que o realismo, sem falar aqui de nenhuma tendência ou movimento específico, segue desafiando escritores e artistas a capturar as coisas como elas de fato ‘são’ ou ‘estão’. Não é qualquer pessoa que está disposta a assumir as consequências de representar o mais fiel possível aquilo que vê. É a velha situação em que todo mundo sabe dos fatos, mas poucos têm coragem de levantar um dedo e apontar, seja pela culpa ou pela dor, pela covardia ou pelo medo, pelo sentimento de impotência ou pelo que for.

Segundo o Houaiss, a palavra ‘realismo’ se define como qualidade ou condição do que é *real*, também como *atitude* de quem está atento à realidade, plano muitas vezes bem difícil de se separar da ficção— ainda mais nos dias de hoje, quando nos custa muita energia crer na veracidade das notícias dos jornais, por conta do absurdo dos fatos num mundo cada vez menos solidário e mais desigual.

Quanto à atitude de estar atento à realidade, não esquecer que vem dos antigos a observação de que poetas (artistas ou escritores) não têm a função de contar a *verdade*, e sim de mimetizá-la e imaginá-la em suas mais variadas versões. Diz a sabedoria popular que *brincando-brincando* se mostra a verdade e é um fato que a brincadeira com textos e imagens pode revelar muito mais sobre os seres humanos e suas realidades do que qualquer estudo formal. A literatura não é feita para informar ou dar respostas, ela surge do questionamento cru e sem eufemismos de tudo o que nos rodeia. E é desse modo que ela contribui para uma melhor compreensão do que se entende por *vida real*.

Vivemos também num tempo em que falar da realidade tornou-se *brega* e altamente improdutivo, isto porque as pessoas estão muito mais em busca de paraísos virtuais e doses de *soma*— droga fictícia que sustentava o admirável mundo novo de Huxley—do que de encarar os grandes desafios da humanidade. Isso influi no que é produzido, porque quem se desvia dos padrões do entretenimento não tem boas chances de ser ouvido. Nesses momentos uma visão realista é necessária e pode ajudar.

Quase todos os relatos nesta coletânea tratam de temas delicados, desagradáveis, temas que podem soar muito mais amargos para quem tenta ignorá-los ao invés de tratá-los com lucidez, como se boa parte deles fosse alheia à natureza humana e que por um milagre vão desaparecer. Os personagens têm uma caracterização fortemente humana, por meio de suas farpas eles têm muito a revelar. Cada um deles tem uma história ou dramática ou comovente, por vezes até engraçada— pois à ironia bem recorre o autor—; uma e outra chega a tocar o fantástico, mas sem tirar os pés da realidade; algumas delas chegam a ser repugnantes (para causar o choque quem sabe); outras têm finais surpreendentes e há ainda aquelas que mais constituem uma fábula ou reflexão. Em suma: os personagens compartilham as mesmas lascas, e todos eles são barro do mesmo pó.

Não digo que esta coletânea proporcionará uma leitura agradável a certos públicos, até porque entretenimento não me pareceu ter sido (nem de longe!) a proposta do autor; foi muito mais, quem sabe, o desejo de levar o leitor ou a leitora ao confronto com conceitos, preconceitos, estereótipos e situações que, não só nas grandes cidades,

tornaram-se assustadoramente banais, e que por isso mesmo já não chocam quem está convencido que dignidade é só para alguns.

Encerro esta nota com meu sincero agradecimento ao autor por permitir-nos ter estes relatos também no Quintextos, biblioteca virtual que visa disponibilizar ebooks legal e gratuitamente a todos aqueles que têm a leitura como necessidade e prazer. Ao leitor ou à leitora, desejo uma leitura viva e produtiva. E como não posso esperar que ‘deguste’, pelo amargo sabor: *!Que le guste y sacuda então!**

Helena Frenzel, setembro de 2015.

* A mistura lingüística foi proposital.

FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO

Fernando apreciava seu visual despojado ao olhar-se no espelho. Havia muito tempo que não se vestia assim (era só terno e gravata): jeans básico e uma polo uva, de grife, que comprara especialmente para a festa de confraternização da empresa.

Nada poderia dar errado! Afinal, o Diretor-Presidente compareceria; e acompanhado dos quatro filhos! Batalhara muito por aquele cargo de Gerente e estava disposto a defendê-lo a todo o custo!

Chegou bem cedo ao evento, precisava acompanhar a organização. Chico, o encarregado de serviços gerais, veio ao seu encontro pedindo instruções. Fernando, cheio de vaidade, falava com o subalterno como se, de fato, fosse humanamente superior a ele.

Passadas algumas horas, os outros funcionários todos presentes. Chegaram, finalmente, os Diretores: o Diretor Administrativo, com esposa e filhinha de dez anos, o jovem Diretor de Marketing, acompanhado de sua mãe, e o Diretor-Presidente, com seus quatro filhos, que gozavam as aventuras da casa dos vinte, como Fernando.

O cortês Gerente, de pronto, foi recebê-los com toda a pompa e glória merecidas!

Muito whisky para a alta estirpe, muito uísque também para os empregados e familiares, que no entanto, preferiam cerveja. E assim transcorreu a festa, sem maiores imprevistos. Ao final, as “celebridades” cumprimentaram o genial Fernando, esquecendo-se de que com ele, havia uma equipe afinadíssima. E o promissor Gerente não fez questão nenhuma de lembrá-las...

Já estava exausto! E teria que ficar até o fim, juntamente com Chico, para arrumar tudo e entregar o salão de festas da empresa intacto. Não deveria restar nenhum vestígio da “confraternização” no dia seguinte. Ainda bem que quase todos já haviam se retirado. Faltavam os quatro filhos do Diretor-Presidente, que já alterados, convidaram-no a tomar algum para “fechar a noite”. Por tratar-se de gente tão importante, nosso rapaz não teve como negar. Afinal, em seu raciocínio entorpecido, uma amizade mais íntima poderia vir a calhar! E pôs-se a beber com os outros garotos. Bebeu, bebeu, bebeu muito!

Tiveram a ideia de se fotografarem pelo celular. Mas ironicamente, todos os aparelhos estavam com bateria fraca! Foi então que Fernando chamou Chico, já com a língua enrolada, de tanto whisky:

– Ô, mané? Cê teria um celular que tira foto, aí?

Chico prontamente emprestou o aparelho. Fernando tratou de humilhá-lo:

– Eu não sabia que manés tinham celulares sofisticados assim! Pra quê? Pra tirar fotos dos jacarezinhos da sua casa? E eles ainda dizem que são iguais à gente, rapazes!

Todos caíram na gargalhada. Chico apenas disse baixinho, quase para si:

– Vocês estão muito bêbados...

Os filhos do Diretor incitaram o jovem Gerente a fazer as poses mais ridículas. Ele, completamente embriagado, obedeceu a tudo: andou de quatro, colocou a língua à mostra, as nádegas à mostra!

Satisfeitos, devolveram o celular a Chico, combinando “descarregarem” as fotos posteriormente.

Manhã seguinte. Cabeça explodindo! Corpo em frangalhos! A cada flash de memória que o atacava, Fernando gemia de vergonha. Como voltar à empresa? Como encarar todo mundo? Àquela altura, tudo já estava perdido! Mas fugir seria pior! Levantou-se num ímpeto e foi para o banho...

Chegando ao trabalho, cabisbaixo, entrou em sua sala e viu pela janela os filhos do Diretor conversando com Chico! É, estava arruinado! Tantos planos, meu Deus! Tudo pelo ralo. Em seguida, percebendo que os rapazes saíram, imediatamente, chamou o encarregado de serviços gerais:

– Pois não, senhor gerente?

– Obrigado por organizar o salão. Você já entregou as fotos para eles?

– Não. Eu as excluí.

O Gerente, com um nó na garganta e tremendo muito, com dificuldade, perguntou:

– Por que você fez isso?

E a resposta abalou profundamente todas as estruturas emocionais e morais de Fernando.

A resposta?

A resposta:

– Porque você é meu semelhante. E eu respeito meus semelhantes.

VIVER

Adriano chegou exausto do trabalho. A cabeça estourava de dor. O dia fora árduo, como o eram todos, aliás. Quinze anos naquele mesmo emprego maçante em troca de uma sobrevivência “digna”: apartamento, carro, as coleções de DVD, motéis, seu apreciadíssimo Drakkar Noir... Com mais de trinta anos, não havia se casado. E provavelmente, jamais o faria. Bem gostava de sua liberdade solitária. Morar sozinho era a glória!

Tomou logo um analgésico e sentou-se no sofá, com os olhos cerrados. Graças a Deus, a inseparável cefaleia passou rápido dessa vez!

Resolveu assistir de novo ao “A igualdade é branca”, o seu preferido da Trilogia das Cores, de Krzysztof Kieslowski. O ator Zbigniew Zamachowski simplesmente o encantava!

Mas não! Estava cansado demais, não conseguia concentrar-se. Desligou o aparelho de TV e foi até a janela. Os detalhes do seu dia revisitavam, insistentes, sua memória. Aquele novo diretor, tão pretensioso e idiota, a proferir ideias fraquinhas como se fossem as mais geniais da humanidade! Quanta estupidez! E o pior: ele, Adriano, se viu falando por mais de uma vez: “grande ideia, chefe”. Era dilacerante a vergonha que sentia de si!

Bom profissional, conhecia a fundo seu ofício e sofria muito com a convicção passiva de que o banalizavam. O novo diretor, bem como os mais de vinte patrões, através de atitudes mal mascaradas, martelavam a todo o tempo em sua dorida cabeça: “Nós somos geneticamente superiores a você”.

Debruçado na janela, repetia com desespero: “Que vida! Que vida! Que vida!”. Céu sem estrelas, a noite estava ainda mais negra. Ia chover. Ali, do segundo andar, via tudo “de cima” e isso o agradava. Mas resolveu descer.

A chuva iniciava-se em grossos pingos. Alheio, sentou-se no meio-fio. É, estava muito difícil, a angústia o corroía por dentro. E chorou aos soluços, como um menino assustado!

De repente, um cão vira-lata aproximou-se e começou a lambê-lo. Ele acolheu, carente, aquele mimo. Aprendia com o animal, que não sabia o que era a vida, simplesmente vivia. E pensou: “Irracional? Mas o que é ser racional? Este constante embaraçamento em teias viscosas produzidas por mim mesmo ou nas quais permito que os outros me prendam?”

Levantou-se e pôs-se a correr, brincar com o cachorro, que saltava e latia feliz, abanando a cauda. Os dois seres celebravam a chuva, pisando nas poças, voejando suas gotas prateadas. Livres, fraternos, na mais esplendorosa alvura da igualdade! Naquele momento, não havia mais emprego maçante e diretor imbecil; tampouco precisava de seus perfumes, coleções e grifes para sobreviver dignamente. Naquele momento, Adriano experimentou, depois de tanto tempo, como era simples estar vivo de verdade.

O GRANDE ESCRITOR

Acontecia a Festa Literária Internacional de Paraty, a FLIP, evento de considerável repercussão realizado todo ano na cidade. Escritores de prosa e verso, editores, jornalistas e críticos especializados, apreciadores de literatura e curiosos circulavam pelas ruas, com seus semblantes mal disfarçados de indiferença, à procura de câmeras e holofotes nacionais e (mais desejáveis) internacionais.

Naquela noite, todos aguardavam a palestra do premiado romancista Ronaldo Sérgio Botelho, autor de cinco Best Sellers, traduzidos para mais de vinte idiomas e vendidos no mundo inteiro, praticamente. Era também apresentador de um programa televisivo sobre cultura, de boa audiência. Mas deu-se o horário marcado e ele não chegou. Os organizadores tentaram fazer contato, esperaram por mais algum tempo e nada; Ronaldo Sérgio Botelho não compareceu.

A cena era apavorante! Fotos do cadáver e do local do crime foram fartamente divulgadas nos jornais e internet. Ronaldo estava caído no chão do quarto da pousada em que se hospedara, de braços abertos e levantados, sem camisa, com vários hematomas no rosto e uma tesoura marcada com suas iniciais fincada no peito, vermelha de sangue! Jornalistas tiraram fotos de tudo, os detetives não conseguiram conter sua sanha. Sobre a mesinha, apenas uma xícara suja de café.

Formou-se um rebuliço na cidade, rompendo seus limites imediatamente e se alastrando por todo o mundo. Um assassinato na FLIP! Mataram o escritor Ronaldo Sérgio Botelho! Outros escritores, sob gestos e feições de tristeza e indignação, despiam seus pensamentos no secreto da consciência, para exercerem a vileza humana na mais liberta plenitude: uma cronista do público adolescente, com a mesma “espirituosidade” percebida em suas narrativas, poluiu assim o seu silêncio: “espelho, espelho meu, eu sou a melhor e sem precisar de maçã envenenada”; enquanto um famoso romancista repórter pensava: “o prêmio Sapoti do próximo ano será meu”. E outro: “a Editora Subjetiva estava na dúvida entre mim e ele para escrever um tema da coleção Plenas Virtudes; pois a vaga é minha”. O fato é que muitos de seus colegas de

ofício sentiam-se livres de um estorvo; a fama de Ronaldo Sérgio Botelho impedia maiores e novos destaques. Trocas de acusações e desconfianças mútuas se disseminaram no meio literário.

O evento terminou e as investigações permaneceram por mais dois meses, até que uma novidade deflagrou-se na imprensa: o assassino do escritor havia confessado espontaneamente o crime. Tratava-se de Jerônimo da Silva, o secretário de Ronaldo. Eis as declarações que ele deu a polícia e jornais:

– Trabalho há muitos anos pro seu Ronaldo. Comecei como motorista, depois fui promovido a secretário particular. Ele descobriu que, mesmo com apenas o ensino médio incompleto, eu tinha facilidade no escrever e me propôs que lhe desse meus escritos. Como nunca havia pensado em ser escritor, apesar de gostar de ler e inventar histórias desde moleque, aceitei, já que me pagava muito bem por isto. Com a fama que tinha, graças ao programa de TV, as coisas seriam mais fáceis pra ele. E me emprestou várias obras, sempre me arrumava um livro novo. Aí, passei a tomar mais gosto pela coisa e quando via críticas positivas sobre alguma história minha, eu me entusiasmava muito. Com o passar do tempo, comecei a querer assinar meus próprios romances. Quando falei desta vontade pra ele, me chamou de ingrato, de desonesto e tudo mais de ruim. Reclamou da escola cara que pagava pra meus filhos e de um tanto de outros favores que me fazia. Aí, resolvi ficar quieto e continuar escrevendo em nome dele. Foi então que descobri que o maldito tinha tirado a pureza da minha filha de doze anos e abusava da pobrezinha havia um tempão. Ele já estava na FLIP, quando minha mulher me contou essa história nojenta. A garota criou coragem e confessou tudo. Aí, eu me endoidei. Sabia onde estava hospedado e corri pra lá. Fui eu mesmo que escolhi a pousada num bairro mais afastado, mais deserto, porque ele preferia assim. Entrei sem ninguém notar, bati na porta do quarto, dizendo ser o copeiro e quando abriu, soquei demais a cara do desgraçado, disse que só não o mataria porque não queria ir pra cadeia, mas contaria a verdade a todo mundo, que era um estuprador pedófilo e que eu escrevia os romances, porque ele não sabia escrever porra nenhuma. Estava ainda sem camisa, ainda se vestia pra sair. Foi então que levei um susto com um jato de café quente que o amaldiçoado me jogou na cara e me distraí. O doido veio apontando pra mim a tesoura que sempre levava nas viagens, pra fazer recortes de matérias que por acaso encontrasse sobre ele; mania de gente vaidosa. Estava totalmente descontrolado, me dizendo que até suportaria a condenação por sua

fraqueza de macho, mas jamais suportaria ser desmascarado e presenciar meu sucesso como escritor, preferia ser preso por homicídio. Tentei tomar a tesoura dele, nós caímos no chão e como sou mais forte, consegui virar a ponta em direção ao seu peito. Eu estava cego de ódio! E aconteceu o que todos sabem. Fiquei apavorado! Só pensei em fugir dali imediatamente. E saí pela janela.

O advogado de Jerônimo alegou legítima defesa no tribunal, mas de nada adiantou; ele foi condenado a muitos anos de prisão. Uma editora sanguessuga até se ofereceu para publicar um romance que poderia escrever enquanto cumpria pena, mas não aceitou. Quanto aos seus livros com a falsa autoria de Ronaldo Sérgio Botelho, foram retirados das prateleiras de livrarias e bibliotecas do mundo inteiro e considerados pela sábia crítica especializada, que tanto os elogiara anteriormente, como abjetos lixos literários.

DANDARA PÃO DE AÇÚCAR

Carnaval no Rio de Janeiro. Dandara Pão de Açúcar, atriz pornô de fama internacional, será homenageada na avenida Marquês de Sapucaí pela escola de samba Unidos do Bondinho, do grupo de acesso. Desfilará no último carro alegórico sozinha, como destaque absoluto. Pelo espelho do camarim exclusivo, momentos antes do desfile, observa suas feições já cansadas. Brilho e colorido intensos proporcionados pela maquiagem escondem marcas de descontentamentos acumulados no decorrer da vida. À sua frente, sobre a bancada de madeira, um copo de Campari cheio até a borda pela segunda vez, que ela bebe a caprichados goles. Como se haurida por sua própria imagem, pelas lembranças nela dançantes, pelas várias doses da bebida, subitamente, perde a consciência.

Do lado de fora, o carnavalesco Zenóbio da Lapa e seu assistente Silas Jardim esmurram a porta trancada:

- Não adianta, Silas, não vai abrir. Deve ter bebido todas.
- Por que você deixou aquela garrafa de Campari com ela?
- Mas ela me disse que havia aprendido a se controlar na bebida! Me pediu!
- Não vai ter jeito, deve estar apagadona. Vamos arrombar esta porta e acordá-la a qualquer custo!

E assim fazem. Felizmente, já está pronta, graças à fantasia de mínimas proporções, mas...

- Que situação, Zenóbio! O que a gente faz agora?
- Tive uma ideia.

Na avenida, a Unidos do Bondinho inicia o desfile. Apresenta, na comissão de frente, dançarinos fantasiados de nacos de queijo, goiabada, ou cabacinhas de tomar cachaça, remetendo à infância da homenageada, vivida no interior de Minas, quando ainda era simplesmente Maria Aparecida, a Cidinha, e dava os primeiros sinais de rebeldia ao fugir dos afazeres domésticos para brincar de esconde-esconde e nadar pelada no rio,

com os meninos; só meninos. A sova do bravo pai era certa. Ela apanhava bastante e no dia seguinte, repetia tudo.

Um carro alegórico em forma de locomotiva a retrata com treze anos, na estrada de ferro, em fuga para o Rio, acompanhada por Virgílio Soares, um empresário cinquentão, seu amante. Viajar de trem era o sonho da menina e de tão apaixonado, o homem sujeitou-se a tal capricho; tiveram que seguir até Vitória, no Espírito Santo e só depois seguir para o destino final. Com Virgílio, ela viveu, entre brilhantes, festas e surras, um impetuoso romance de quatro anos e cinco abortos, que lhe arrancaram definitivamente a possibilidade de ser mãe.

Alegorias, passistas e fantasias vibrantes contam sua rotina de noitadas, namoros e viagens, quando aboliu definitivamente a Cidinha e passou a ser a arrebatadora Dandara Pão de Açúcar. As saias das baianas representam em colchas rendadas as tantas camas que acolheram seus ardentes amores, exibidos diante das telas; algumas alas trazem bailarinos e atores interpretando, com menor realismo, claro, suas cenas de sexo mais famosas, que seduzem os que a desejam e revoltam as que a invejam, pelo absurdo despudor que aparenta ter ao escancarar-se frente a falos enormes que, ela jura, não são “fabricados pela magia do cinema”. Brinquedinhos sexuais giram e sambam na Marquês de Sapucaí, por meio de esculturas, fantasias e adereços, incitando as imaginações libertinas dos que assistem ao desfile. Reproduzem, ainda que por insinuações discretas, até mesmo o polêmico filme no qual atuou com três cães da raça fila, o que lhe custou grave ferida na parte superior do seio direito, devido ao ataque acidental de um dos bichos. Ainda não se livrou da cicatriz deixada pelos longos e pontiagudos caninos cravados na carne, a despeito das várias cirurgias plásticas que já fez. Diz não gostar de trabalhos que exijam maior intensidade emocional e por isso (diz), recusa tantos convites. Em compensação, encarna com maestria personagens eróticas. Interpreta-as com tamanha verdade, a ponto de atingir orgasmos múltiplos em pleno set de filmagem. Pelo menos é o que ela sempre faz questão de afirmar nas entrevistas.

Uma história de ousadias, batalhas, triunfos e frustrações pasma olhares atentos de cariocas e turistas do mundo inteiro, na passarela do samba...

E finalmente, o grande momento! O ponto máximo do desfile! Sobre o imenso e resplandecente carro alegórico que encerra a apresentação, surge, frente a câmeras e holofotes, o tema da escola, a exuberante Dandara Pão de Açúcar! Ela vem exibindo

seu conhecido anjinho vermelho de cauda sob as asas e chifres entre os loiros cachinhos, tatuado na coxa esquerda. Está presa num grosso tronco envernizado, por largas faixas de seda dourada enroladas nos joelhos, pescoço e abaixo dos peitos, com braços para trás e mãos amarradas, simulando uma escrava em tortura. Cobrindo o rosto, um véu escarlate, que mostra apenas os grandes e arregalados olhos verdes, perdidos na maquiagem. Belíssima! O público aplaude fervorosamente! Virgílio Soares, do camarote, aprecia a mais deliciosa amante que já teve, recordando-se dos tempos felizes em que a possuía. Agora, velho e doente, não tem outra alternativa, senão vê-la assim, à distância. Murmura: “está gostosa demais”. Sente-se retribuído, conclui terem valido a pena as intrigas e chantagens feitas aos dirigentes da escola, que lhe custaram alguns milhares de dólares, para ter sua musa enaltecida dessa forma. E não foi fácil. Os covardes estavam moles de medo, certos de que mídia e jurados se escandalizariam com o tema escolhido. Mas foi veemente: “Pois que se borrem! Pois que se fodam! Dandara VAI ser o enredo da escola de samba Unidos do Bondinho neste ano!”. Ah, como ele está orgulhoso agora!

O carro cumpre o percurso sob gritos entusiasmados de “é campeã”. Mas tão logo fecha-se o portão do final do Sambódromo, algo de errado acontece; um imprevisto, um acidente! Faíscas de fogo e muita fumaça negra se anunciam em torno do imenso veículo! Tudo é muito rápido! Os bombeiros acionam imediatamente o guindaste para socorrer Dandara. Um deles a liberta do tronco cenográfico, desatando os fortes nós que foram dados para fixá-la no lugar. Porém, uma vez solta, ela não tem firmeza o suficiente em pernas e braços para manter-se de pé e agarrar-se nos ombros do homem. E cai! Cinco metros abaixo! Esfacela-se em meio ao lago de sangue! A comoção é generalizada!

Zenóbio da Lapa e Silas Jardim, trocando olhares cúmplices, afastam-se da confusão:

- Silas, o incêndio no carro foi providencial! Intervenção divina!
- Você jura que não é responsável por isso, Zenóbio?
- Claro que não! Foi um acidente. Não vão nem desconfiar que ela já estava morta. Afirmaríamos que morreu durante o desfile, o que poderia representar um certo risco, mas agora está tudo mais fácil.
- Coitada. Um ataque cardíaco fulminante. Mal acreditei quando você teve a ideia de improvisar a fantasia, amarrando firme a defunta naquele tronco, com as faixas de seda.

– Quando lembrei da grana exorbitante que foi investida, do tanto de gente poderosa no meio querendo seus lucros, dos prejuízos que todos teriam, decidi que ela entraria de qualquer jeito no sambódromo, até mesmo cadáver. Acho que ninguém percebeu que seus lindos olhos verdes já não tinham vida. Silas, o que está me envaidecendo é que contei a história de Dandara, da infância à morte, passando com seu corpo pela avenida, para que todos a velassem. Ela desfilou morta, como realmente se sentia nos últimos tempos, uma morta em vida, mera imagem, matéria de cobiça e consumo. Enredo perfeito! E todos a velaram.

– Mas sem saber...

– Isso que me frustra. Tem nada não, a vitória já é nossa. No próximo ano, estaremos no grupo especial.

BRAVO GUERREIRO

O eternamente superlotado coletivo já saía do ponto. João, atrasadíssimo para sua colação de grau, precisou correr para alcançá-lo. De pé, espremido em meio à multidão de passageiros, o futuro historiador se deixou levar pelas lembranças. Voltou ao dia em que lera seu nome na lista de aprovados no vestibular da universidade pública. Que vitória! Os olhos marejados da avó Idalina ao receber a notícia... Lamentável que não pôde dividir a alegria com a jovem mãe, que o abandonara quando bebê. Lembrou-se da visita ao pai na penitenciária:

– Pai, eu passei no vestibular! Serei um historiador! O melhor historiador do Brasil!

– Coisa de gente fresca. Culpa de sua vó, que protegeu demais. Pobre criado com mimo só serve pra apanhar sem reagir. Fica covarde. Não vai conseguir nada com isso, rapaz!

– O que não quero é responsabilizar os outros por minha condição social. Não sou covarde, vou batalhar, mas minhas armas não serão as que meus amigos de infância usam lá na favela, minhas armas serão os livros!

– Ah, já está falando como um desses otários metidos a intelectuais. Quem nasce no meio em que você nasceu e com essa aparência não tem chance! Entenda isso de uma vez e não perca tempo com bobagem! Vou demorar a sair daqui, precisa cuidar da mãe, sua vó. Já que não tem jeito pra ser da guerra, então arrume um emprego do seu merecimento e vá sobreviver!

– Vou me formar! Não devia ter vindo aqui.

Nunca mais voltou àquele lugar. Um ano depois, ficou sabendo que o pai fora assassinado, por ter traído companheiros de cela. Outros momentos pesados se apossaram de sua memória: os dias duros de lida na loja, os cochilos, o sono torturante em sala de aula. E quando os malandros da favela implicaram com ele? Obrigaram-no a vender droga na faculdade! Que terror! Custou a livrar-se daquele pesadelo, mas graças ao seu carismático poder de argumentação, conseguiu sair ileso. E nunca mais o importunaram.

Não podia afirmar que não sofrera preconceito na escola. Embora veladas, fora vítima de algumas rejeições. Aliás, no início, sentiu-se discriminado por todos os âmbitos: na faculdade, na favela e na loja. Certa vez, ao oferecer sua casa para a realização de um trabalho em grupo sobre história da arte, sentiu doer-lhe o preconceito. Os colegas compareceram sim, porque ele se destacava em todas as disciplinas, mas não aceitaram sequer um copo com água. Não conseguiam disfarçar o pânico; através da janela, olhavam, assustados, em direção ao beco; depois desviavam os olhares para as paredes mofadas do barraco e endireitavam-se nos caixotes de madeira improvisados como bancos; as meninas pareciam nauseadas. Para encerrar definitivamente o clima desconfortável, João apenas disse:

– Gente, este é o mundo em que eu vivo. Para futuros historiadores, nada é mais valioso que conhecer realidades diferentes de seu contexto.

Os amigos de infância não mais o cumprimentavam e os colegas de trabalho ora o ignoravam, ora o envolviam em intrigas. Mas ele rapidamente superava tais chateações. Focava em seu inevitável triunfo.

E conseguiu! Dentro de alguns minutos, receberia seu diploma! O coletivo, que pareceu atravessar por toda a eternidade, afinal, chegou ao destino. O ponto em que desceu ficava a uma certa distância do lugar onde aconteceria o evento. Tão logo ganhou a rua, ele pôs-se a correr afoito, feito louco, rumo à sua conquista. Corria muito, como se voasse livre, imune aos males da vida! Como um vencedor! Nada mais poderia detê-lo, o mundo lhe pertencia! Ah, que deliciosa sensação, a da vitória! Corria... Voava... Intensamente feliz!

De repente, um estalido fez-se ouvir! Arma de fogo! Um tiro! Viatura de polícia! Som estridente de sirene! João levou a mão direita às costas. Sangue, muito sangue! Trôpego, sem forças, desacelerou os passos. Insistiu em continuar, estava quase chegando! Cambaleante, arrastava-se pelo passeio. Já na entrada do local da cerimônia, caiu. Com extrema dificuldade, ergueu o braço, tocou a mão ensanguentada na porta, que guardou as marcas de seus dedos trêmulos, tingidos de vermelho. Antes de sorver seu derradeiro quinhão de ar, ainda pôde ouvir a conversa entre os policiais:

– Sargento, este não é o meliante fugitivo!

– Droga! Mas a gente não tem culpa se esses pretos todos têm as caras iguais.

ANJO VIOLADO

Gervásio viu tudo pela greta da porta de madeira apodrecida, entre o quarto e a salinha do casebre. Seu pai recebeu dinheiro do homem branquelo, grande e de fala embolada, que os visitava pela segunda vez (da primeira, o sujeito tirou retratos seus, pedindo que fizesse poses esquisitas). Ouviu da boca do velho genitor: “tá vendido, pode levar”. A mãe apenas chorava. A mãe, sempre, apenas chorava. Em seguida, o grito pavoroso e já cravado em sua rotina estrondou nos ouvidos e raspou seus nervos, como se unhas ásperas:

– Gervásio! Ô, Gervásio!

– Senhor?!

– Vai arrumar suas coisa, que ocê vai embora com o moço.

– Mas eu não quero ir, pai!

– Menino num tem querer! Anda! Vai arrumar as coisa! – gritou mais alto.

De fato, não havia escolha. Obedeceu. Não tinha muito o que levar, apenas meia dúzia de roupas rasgadas, uma piorra e um livro de contos de fadas doado pela escola que, à custa de imensa vontade, insistira em frequentar. Saiu cabisbaixo, engolindo o choro, depois de receber um beijo e a bênção da mãe, que gemia de sofrimento. Ainda pôde escutar o pai dizer, com a voz seca, arrastada e horripilante:

– Tem mais sorte do que nós.

No carro, com o homem, olhou para trás uma única vez, mas estava tudo encoberto pela poeira que as rodas assanhavam ao espremerem o chão da estrada. Nunca mais, norte de Minas! Com certa dificuldade, conseguia entender o que o estranho falava:

– Vamos para muito longe, vamos para a Itália. Lá, se for um bom menino, terá todo o conforto. Poderá até estudar! Você não gosta de estudar?

Viajaram por muitos dias, alternando automóveis, jatinhos e barcos, como se estivessem fugindo. O menino, exausto, sentiu um grande alívio quando soube que finalmente chegaram ao destino. Era um palácio maravilhoso, como os que ele via nos livros! Tudo lindo demais! Seu companheiro de viagem disse:

– Eis o “Mosteiro da Santidade”. Essa é sua nova morada.

A porta muito larga e alta estava aberta e exibia uma escadaria de mármore de Carrara com corrimões de ouro, anunciando a ostentação exacerbada do lugar. Entraram. Gervásio venciu com dificuldade cada degrau. Sentia medo. Pairava naquele lugar um quê de lúgubre e misterioso, que provocava arrepios! Ao concluírem a subida, antes mesmo de fixarem os pés no majestoso salão que brilhava às suas vistas, foram recebidos por um senhor baixo e gordo, que arregalava os enormes e faiscantes olhos verdes, enquanto falava, com fluência, em português:

– Ah! É o menino das fotografias que trouxeste à vez passada, Sr. Andreoli! Ele é ainda mais gracioso pessoalmente! És um excelente negociador, vales a fortuna que ganhas.

– Atravessar de um continente ao outro clandestinamente não fica barato, cardeal Camilo.

– Eu sei. Nove aninhos! Gervásio é o teu nome, não é isto?

Assustado, ele assentiu, movendo verticalmente a cabeça. Foi Andreoli quem respondeu:

– Sim, este é Gervásio. Tem nove anos; completa dez no próximo semestre.

– Vamos, vou mostrar teu quarto, menino.

Ao chegar à entrada e avistar o recinto em que repousaria, ficou perplexo! O magnífico e brilhante piso sustentava o requinte dos móveis de madeira harmoniosamente distribuídos pelas dimensões privilegiadas do aposento. Sobre o enorme leito, uma colcha bordada com fios prateados contrastava cores lindas; a cortina de renda branca parecia expelir por seus minúsculos orifícios um incontido orgulho por tamanha beleza! Era um quarto de príncipe!

Camilo tocou levemente em suas mãos e o levou à cama, saindo em seguida, a sussurrar um afetuoso “descansa-te, menino”.

Estava extasiado com tantos caprichos e cuidados, sentia como se vivesse no céu, era tratado mesmo como um príncipe! Só achou estranho quando descobriu que havia outros meninos morando no mosteiro, que não se falavam, não se aproximavam, pareciam sempre espantados, apavorados. Certa vez, quando conseguiu chegar mais perto de um deles, foi severamente repreendido pelo padre que os vigiava. A passividade fez com que aceitasse as limitações impostas pelos que ali mandavam e a esperteza, com que desfrutasse as mordomias e mimos intensamente.

Completadas quatro semanas de sua chegada, o cardeal Camilo ordenou que comparecesse ao escritório:

– Hoje à tardinha, o bispo Silvestrini, líder supremo do mosteiro, visitar-te-á. Às cinco em ponto, banha-te e aguarda no quarto. Estás proibido de descer para o refeitório.

– Sim, senhor.

Gervásio obedeceu. Sabia muito bem obedecer. Às cinco e meia, já estava limpinho e cheiroso, deitado na confortável cama. Às seis, Camilo entrou com o visitante:

– Como avisei, o bispo veio conhecer-te. A benção, Vossa Eminência!

E saiu, exprimindo um risinho medonho. O menino inclinou-se diante da ilustre visita, em sinal de respeito.

Imediatamente, Silvestrini demonstrou sua intenção perversa: arrancou as roupas de forma abrupta e descontrolada, com olhos esgazeados e fixos em Gervásio, exclamando ávido, como se num delírio:

– Dio mio, non ho mai visto niente di così bello! 1

O frágil inocente, trêmulo, com respiração e coração acelerados, encostou-se na parede, premindo-se contra ela, dominado pelo pânico ao se ver diante da criatura asquerosa que o fitava com ares insanos! Chorava muito! Aquilo era o inferno! Percebendo não haver como livrar-se da situação, desejou a própria morte com um fervor lancinante! E o monstro, àquela altura completamente nu, avançou feroz! O menino gritou:

– Me solta! Me solta!

– Mi dispiace, ragazzo, ho pagato a caro prezzo per voi! E 'bello essere così ribelle, diventa molto più gustoso! 2

Mal concluindo tais palavras, envolveu bruscamente a criança em seu corpo, beneficiando-se de sua força maior, beijando-a com fúria, enquanto ela gritava, em sufocante desespero:

– Cardeal Camilo, socorro! Socorro, socorro!

Seu protetor não apareceu para salvá-lo. Silvestrini, alucinado de tanto desejo, rasgava os trajes do bravo mártir, indiferente aos golpes de socos e pontapés que recebia. Pouco a pouco o despiu, deixando-o à mercê do seu sexo intumescido e repugnante. Lançou-o à cama, dominou-o com braços e pernas e deitou-se sobre ele, violentando-o sem piedade, urrando de prazer com os berros de dor da sua vítima! Resquícios de sangue e esperma mancharam o lençol. Mas as sevícias não findaram; saciado, o bispo

levantou-se, abriu a porta e mais sete bestas famintas participaram do... “batismo” (era como chamavam aquele ato abominável). Gervásio se cansou de resistir. Obedeceu. Entendeu, naquele momento, que nascera apenas para obedecer. Na manhã seguinte, o sino tocou, convocando os anjinhos para a primeira missa do dia.

* * *

1 Meu Deus, jamais vi coisa tão linda!

2 Sinto muito, menino; eu paguei caro por você! É bom que seja tão rebelde; fica bem mais gostoso!

ELOS

Com frieza glacial, Ângela mirava o filho, que metia atabalhoadamente os parques pertences na mochila, para mais uma fuga. Nem procurou saber se ele fugia da polícia ou de algum malandro em desafeto. A cena por tantas vezes repetida já não lhe causava espanto. Sentia nada. Absolutamente nada.

Tão distraída, nem respondeu quando Tiago saiu, deixando-lhe um ligeiro aceno de mão. Entregou seu tronco flácido à poltrona e se deixou levar às recordações...

Não entendia a relativa facilidade com que escapara daquele hospital, levando o recém-nascido roubado e deixando o seu, aleijado, para trás. E depois? Mudar de identidade, apagar seu paradeiro e nunca ter sido descoberta! É certo que contara com a influência da mulher do chefe da favela para conseguir tudo aquilo, mas ainda assim, parecia coisa do demo... Porque não tinha condições de criar um menino sem pernas! Não; não tinha! A pobreza aviltante... O barracão em ruínas... E na chuva então? Descer e subir o morro lamacento... Ele não seria capaz. E não poderia ajudá-lo, pois precisava trabalhar. Ter um filho dependente para sempre? E os estudos? E o trabalho? Além de tudo, pensava que se desse ao seu homem um filho defeituoso, ele não iria aceitar; já um filho completo, tomaria amor e assumiria a paternidade. Que nada. Só ilusão...

Finalmente, aceitou serem inúteis aquelas tentativas tolas de ludibriar a própria consciência. Inexistia argumento que justificasse seu crime. Pensava nos verdadeiros pais de Tiago... No filho rejeitado... Como estariam? Ai! O remorso carcomia-lhe caprichosamente as entranhas!

Quanto sofrera ao longo daqueles vinte e cinco anos! Desde criança, Tiago era só desgosto: cuspiam nas professoras, obrigava os meninos menores a comer caca de cachorro, batia em todo mundo. Na adolescência, conforme a mãe temia, tornou-se um bandido, um capacho nas mãos de traficantes. E com pernas perfeitas... Pernas que lhe possibilitavam correr nos becos e vielas, fugindo ou armando emboscadas, saltar muros em invasões de casas alheias, mas que jamais serviram para o que fosse

edificante. Embora sob limitadas possibilidades, até que ela lhe deu afeto, tentou, tentou, sim, oferecer uma vida mais serena para ele. Tudo em vão!

Ângela ainda dissolvia-se no espaço embaçado das lembranças, quando se assustou com Tiago escancarando a porta, feito um doido:

– Tenho que me mandar! Eles vão acabar comigo!

– Calma! Eles quem?

Mal concluiu a fala e logo foi surpreendida por dois homens armados que invadiram abruptamente o barraco, com revólveres apontados para o filho:

– Seu desgraçado, é agora que tu vai pro inferno!

A mulher, surpreendendo a si mesma, foi dominada por uma necessidade inexplicável de proteger a cria falsa e implorou, apavorada:

– Não façam nada com meu filho, por favor! Deem mais uma chance! Uma só! Eu prometo que ele vai resolver o mal que fez a vocês! Se por acaso ele não resolver, podem cobrar de mim!

As armas continuavam apontadas para o rapaz, dedos nos gatilhos. Tomada pelo desespero, a mulher se atirou à sua frente e recebeu o primeiro tiro em seu lugar. Antes de desfalecer, ela ainda pôde assistir a Tiago ser exterminado com vários disparos à queima-roupa.

Sirene, paramédicos, monitores, odor etéreo de doença, vestes brancas e muita agonia, entre um despertar de consciência e outro, até ser arrebatada por um sono mais profundo...

O sol anunciava seu regresso, lançando raios amenos por entre as frestas da janela da enfermaria. Ângela, prostrada sobre o leito, invadida por sondas e cercada por frascos, esforçou-se para abrir os olhos pesados. Sua primeira visão foi o rosto do médico que a examinava cuidadosamente. Teve a sensação de reconhecer-se nas feições daquele jovem e sério profissional. Ao inclinar um pouco o pescoço na direção do piso, percebeu que ele trabalhava apoiado em uma cadeira especial. O doutor não tinha as pernas.

AMOR DE MÃE

Aquela madrugada estava fria demais! Joel ainda sentia ribombar na cabeça a fala arrastada e gritada da mãe: “Amintas tá pra chegar e ele não gosta de te ver aqui. Some pra rua e só volta amanhã, porque hoje vamo aprontar a noite inteira”. Em seus quase onze anos de existência, o menino ainda não conhecia a paz. E naqueles últimos tempos, depois que Sueli, a mãe, começou o rolo com o tal de Amintas, as coisas pioraram bastante. O homem não o suportava, não aguentava nem ver sua cara. E não sabia por que. Estava com medo de dormir no passeio, coberto com a caixa de papelão, debaixo da marquise da padaria, pois três dias atrás, quando houve outra expulsão, o Bocarra e o Zé Tonho fizeram sacanagem com ele, mas até batia queixo e tremia todo, de tanto frio. Lá da rua, escutava as gargalhadas da mãe e do Amintas, lotados até os rabos de cachaça e fazendo safadezas. Não queria, não queria mesmo, era valente, mas começou a chorar. Um choro desesperado de quem não tem saída, de quem não tem entrada, de quem não tem. Foi então que levou um susto danado! O Bocarra e o Zé Tonho apareceram! Aos chutes e safanões, levaram Joel – que não reagiu e nada disse, ciente de que não podia com eles – para o lote vago da esquina. E logo iniciaram a sessão de insultos e maldades:

– Tá vendo esse monte de bosta aí, seu fresco? Deve ser algum noiado que cagou. Inda tá fresquinha, igual ocê. Pois vai comer ela todinha! Entendeu?

– Aí não, Bocarra! Pelo amor de Deus, eu tenho nojo! Não vou conseguir!

Zé Tonho apenas trovejava seus risos bestiais. O Bocarra foi piedoso:

– Então tá. Só de dó. Aproveita, que hoje eu tô bonzinho, hein? Vou deixar cê escolher; ou come a bosta, ou chupa nosso pau. Escolhe!

– Eu prefiro chupar seus pau.

– Sua bichinha amaldiçoada, seu viadin, preferiu chupar nosso pau! Se fosse homem ia preferir comer bosta! Pois vai apanhar agora, pra ficar esperto. Vamo cobrir ele de porrada, Zé Tonho!

E derramaram uma saraivada de chutes e socos no pobre menino, monstruosos, implacáveis, fortes de ódio, surdos para os gritos do torturado. Quando finalmente se cansaram da surra, sentaram-se ao lado de Joel, esperaram alguns instantes e expuseram os paus tímidos para que o coitado realizasse o serviço.

– Anda! Chupa o meu primeiro, depois o do Zé Tonho!

Obedecendo prontamente, Joel inclinou-se e levou a boca até o colo do covarde.

– Aaaaaaaaiiiiiiii, seu desgraçado! Cê me mordeu! Tá sangrando! Eu acabo cocê!

Bocarra transformou a dor que sentia em força e os dois jovens seres do inferno surraram ainda mais o menino, com ódio muito maior! E o deixaram todo mole, quase desmaiado, sobre as fezes frescas.

Algum tempo depois, Joel abriu os olhos, voltando lentamente a si. Ouviu passos. Eram de mulher. Toques de salto alto.

– Merda! Que trabalho que dá fazer xixi, meu Deus! Sem vaso, sem nada! Mas tô apertada, não dá pra esperar.

O menino sussurrou, com dificuldade:

– Socorro!

– Ah, minha Santa Pâmela, não é possível que caí de gaiata de novo numa enrascada! Olha aqui, eu não tô te vendo, eu não vi nada, não quero saber de nada e tenho que ir. Sinto muito, mas não vou ser testemunha nem cúmplice. Boa sorte!

Já saía, toda esbaforida, quando ouviu novamente:

– Socorro!

Era a voz de uma criança! Não teve jeito. Voltou. Usando um isqueiro como lanterna, orientada pelo som da respiração ofegante, encontrou o menino caído num dos cantos mais fedidos do lote vago.

– Menino de Deus! O que aconteceu?

– Foi o ...

– Não quero saber! Também, moro no bairro só tem uma semana. Não conheço ninguém, graças a Deus! Vamo, tenta se levantar, apoia em mim. Vou te levar pra casa, seus pais devem tá preocupados.

– Eu não tenho pai e minha mãe não liga pra mim. Foi ela que me mandou ficar fora de casa enquanto o amante dela tá lá. Ele tem antipatia de mim e tenho que sair toda vez que ele chega.

– Jesus, que mundo é esse? Bem, tô sem escolha, né? Vou te levar pra minha casa, então.

Sem perder tempo e pensar muito, a salvadora ajudou Joel a ficar de pé e, percebendo que estava fraco para andar, magrinho, um cisco de gente, abrigou-o no colo, depois de passar lenços umedecidos por todo o corpo do pequeno. Ele ainda fedia, ela engoliu o nojo e seguiu em frente. No claro da luz da rua, o menino pôde ver sua santa. Sorriu, impressionado com o tanto de pintura que a mulher tinha no rosto, embora a achasse bonita. Tinha um cabelão preto, todo cacheado. Estava adorando a sensação de ser protegido, jamais sentira aquilo.

– Qual é o nome da senhora?

– Samantha Salamandra.

– Que nome engraçado!

– É nome de guerra.

– Mas qual é seu nome mesmo, o nome de nascença?

– Esse não existe. E deixa de ser curioso.

Joel se calou e deitou a cabeça no seio de Samantha, para se deliciar mais com aquele carinho.

Chegando no pequeno barraco alugado, ela o mandou tomar banho e se esfregar bem, para tirar os últimos vestígios de merda fedida do corpo, deitou-o em sua cama e foi preparar uma sopinha de macarrão instantâneo. Só havia dois cômodos, cozinha e quarto, além de um banheiro que mal comportava uma pessoa. Tudo muito limpo, o menino ficou encantado. Em sua casa, os pequenos espaços eram disputados com garrafas de cerveja e cachaça, poeira por todo canto, guimbas de cigarro, comida velha, sujeira. Não sabia por que, mas limpeza era bom.

Depois do macarrão, conversaram, contaram sobre si, fizeram confidências:

– Joel, eu não sou uma mulher.

– Eu sei, dá pra notar na voz, no ombro largão.

– E você não tem medo de mim?

– Não. Pra mim, cê é uma mulher sim. Cê me protegeu como acho que mãe protege filho.

– Vamos parar com esse negócio de ocê, cê. É você! É você!

– Tá. A senhora me protegeu como uma mãe protege um filho. Queria que a senhora fosse minha mãe.

Samantha não resistiu. A voz se embolou na garganta. E chorou. Deu um beijo afetuoso no rostinho da criança miúda, em seguida, tratou de quebrar o clima de sentimentalismo que pairava no ambiente:

– Mas me conta, moleque, quem te bateu desse jeito?

– Foi o Bocarra e o Zé Tonho, eles mora do lado da minha casa. Eles sempre faz sacanagem comigo, até me enraba.

– E você nunca reagiu?

– Não ia adiantar, eles é muito maior do que eu, mais forte. E não tenho ninguém pra me proteger. Dessa vez que a senhora me achou, eu até tentei, porque fiquei com muita raiva da humilhação. Eles me mandou escolher se preferia comer cocô de gente, ou chupar os pau deles. Eu escolhi chupar e eles me bateu mais, me chamou de bicha. Aí, de raiva, mordi com toda força o pau do Bocarra. E apanhei mais ainda.

– Bem feito pro Bocarra. Deve tá chorando de dor até agora.

– Tomara.

– Nossa! Já amanheceu! Ah, menino, você não pode ficar aqui, tenho meus badulaques pra fazer, minha vida pra carregar e não quero confusão com polícia, não quero ser acusada de raptar criança. Sua mãe deve tá se descabelando de preocupação com seu sumiço.

– Ela ia ficar é feliz demais se eu sumisse.

– Escuta aqui, eu não quero que se desvalorize assim, viu? Quero que tenha orgulho de você, que é um menino muito lindo, muito inteligente e especial. Não deixa as pessoas te destruírem.

– Engraçado. Você fala pra ter orgulho de mim, mas pelas coisas que me contou, não tem orgulho de você.

– Menino, você é respondão demais pra meu gosto, hein?

– Então tá, só vou sentir orgulho de mim no dia que você sentir orgulho de você. Combinado?

Joel voltou para casa, à sua pena diária. Em Samantha, depois daquela madrugada, muita coisa mudou. Não queria mais se prostituir, rebolar de minissaia na avenida, ser humilhada, tratada como criatura bizarra que só servia para diversões transgressoras e putarias, precisava que a tratassem com respeito. Não queria decepcionar o menino que a chamara de mãe.

Passados alguns dias, numa tarde chuvosa, quando ela preparava seus apetrechos para a lida, ouviu batidas fortes na porta do barraco. Ao abrir, deparou-se com um rapagão desajeitado, com cara de pavor.

– Dona, meu nome é Zé Tonho! O Joel me gritou da janela da casa dele, do lado da minha! Ele tá sendo espancado pelo macho da mãe dele! Ele foi defender ela, que também tava sendo espancada! Ele pediu pra chamar a senhora!

– Vamo lá agora!

Saíram imediatamente. Samantha nem se importou com a touca de meia na cabeça, a camiseta regata e o short de pijama que usava. Chegando à casa do menino, encontrou o portão trancado. Não pensou duas vezes, pulou-o com a habilidade de um ladrão. Quanto à porta, trancada também, não teve dificuldade para arrombá-la com um golpe de ombro. Quando entrou, deparou-se com a mãe de Joel desmaiada no chão e ele sob o corpanzil do tal Amintas, que o socava com sanha de fera esfomeada. Sem titubear, avançou no pescoço do monstro e libertou o pequeno de seu domínio. Em seguida, jogou-o de novo no chão e pulou em cima, batendo violentamente os pés sobre o estômago do desgraçado. Sentou-se em sua barriga, imobilizando-o com as pernas grossas e rijas e disparou socos no queixo, na boca, no nariz, no olho do homem.

– Eu também tenho colhões, seu filho da puta, e sei mostrar muito bem quando é preciso! Eu também tenho força no braço pra socar sua cara feia!

E bateu, bateu demais na cara de Amintas que, pela embriaguez, não conseguia reagir. De tanto apanhar, a besta fera também desmaiou. Imediatamente, Samantha foi acudir Joel.

– Ai, meu filhinho, resiste mais um pouco, por favor! Já chamaram o socorro.

– Acho que pra mim já deu.

– Não diz isso! Você é valente! Você é um herói! Lembra que me disse que só sentiria orgulho de si mesmo, quando eu sentisse orgulho de mim também?

O menino meneou vertical e lentamente a cabeça. Ela continuou:

– Pois então, hoje, tô orgulhosa de mim. Ia te procurar pra contar; eu fui aprovada na faculdade de direito. Não te contei antes que tava no cursinho me preparando, porque queria fazer a surpresa que tô fazendo agora. Vou ser uma advogada. Sempre foi meu sonho. Estou muito feliz. Estou, de verdade, orgulhosa de mim.

– Agora eu também sinto orgulho de mim! Muito obrigado!

– Sou eu que tenho que agradecer. Você salvou a minha vida. Ah, quando a gente se conheceu, você perguntou qual era meu nome de batismo. Eu não quis falar, mas agora eu falo. É...

Joel se esforçou para interrompê-la, para alargar a voz:

– Não! Não quero mais saber! A senhora é Samantha; minha amada mãezinha Samantha Salamandra.

Foram suas últimas palavras.

O PACIENTE

A enfermeira ataca a veia, com a seringa na mão. A veia escapa. A persistente guerreira se empenha noutra fincada. E noutra. E noutra. Finalmente, captura a fujona. O braço arroxeadado de Lázaro sofre os estragos da batalha sangrenta. Todo dolorido! Mas isso é o de menos, são muitas perturbações. Deitado num dos três leitos da enfermaria gelada e angustiantemente branca, triste, sinistra, ele pena uma tempestade interminável de incômodos: paciente gritando a noite inteira, o chato ao lado que teima em ver televisão até cair no sono, atendentes de enfermagem entrando e saindo às gargalhadas, falando de novelas e machos, a qualquer hora da madrugada, odores insuportáveis de fezes, urina e éter; e muito, muito mais.

Desde que sofreu aquele horroroso tombo na rua, há dois meses, sua existência tornou-se um inferno. Fratura seríssima, cirurgia perigosa e demorada, tratamento difícil, prostração. Depende das enfermeiras até para as necessidades fisiológicas. Quanta vergonha! E o banho de leito? Arnalda, a técnica de enfermagem, faz questão de cumprir essa tarefa. Todo dia de manhã ela chega, com a caixa de utensílios e sua carinha jovial, feiosa e safada, pronta para constrangê-lo. Passa o lencinho úmido por todo o corpo do moço, mordendo os lábios de maneira provocante. Dedicase mais às partes íntimas; esfrega seu sexo insistentemente, com a única intenção – acredita ele – de humilhá-lo. Sim, porque nada acontece. A equipe médica passa sempre às pressas, afoita para concluir a exaustiva corrida de leito, como chamam tal função. Numa rotatividade vertiginosa, pacientes chegam e saem a todo momento; às vezes, chegam muito mal e saem bons, outras, chegam bons e saem mortos. E ele entrevado em seu leito, nenhuma perspectiva de alta, pelo menos nos próximos dias.

Tarde de domingo. Um infeliz companheiro de enfermaria resolve ligar a televisão. Ai! Os gritos apavorantes do farto apresentador do programa estrondam no cérebro de Lázaro. Lembra-se da frase que sempre ouviu, achou engraçada, mas nunca imaginou que a sentisse na carne, nos nervos: “nada é tão ruim, que não possa piorar”. À custa

de um esforço enorme, consegue desligar-se dali. Entre lembranças e sonhos emaranhados, adormece.

Churrascão na casa de Magno! O pagode anima os casais em danças desengonçadas e trôpegas. Latinhas de cerveja em todos os cantos; fartura, entusiasmo, balões coloridos espalhados pelas paredes, muita gente falando ao mesmo tempo. A campainha toca e o anfitrião vai atender mais um convidado:

– Meu amigo! Que bom que veio!

– Estou até com um colega doente, precisava visitá-lo, mas deixei pra outro dia. Prefiro vir lhe dar um abraço, meu amigo! Afinal, pessoas como você são raras e merecem toda a consideração. Feliz aniversário!

Muitos presentes em cima da cama. É o trigésimo aniversário do moço. Amigos o cobrem de elogios, de afagos no ego: “você é o cara mais legal que já conheci”, “eu não esqueço de quando me ajudou a conseguir o emprego no escritório”, “homem mais solidário, não tem”, “nossa, Magno, como você tá lindo”, “você me deu muita força na morte da minha mãe”, “pode contar sempre comigo, parceirão”. E a cada novo amigo que chega, mais elogios e presentes. Na verdade, a casa de Magno está constantemente cheia de amigos. Não falta uma cervejinha, um petisco, som e bastante alegria para recebê-los. Um pouco zonzo pelo efeito da bebida, ele decide fazer discurso; discurso não, um breve pronunciamento, corrige. Os outros vão, de brincadeira, mas logo em seguida pedem que fale. O tão querido companheiro não hesita:

– É gostoso demais se sentir amado. Fico radiante por saber que tenho tanta gente bacana, especial perto de mim; pessoas do bem, que estão sempre do meu lado, pra festejar a vida. Sei que todos vocês são leais e estarão comigo pra o que der e vier. E como isso me conforta! Adorei os mimos que ganhei, mas o importante mesmo é a presença de cada um, é saber que não estou sozinho. Deve ser muito triste passar por um momento difícil e não ter ninguém pra dividir o peso. Que bom que jamais conhecerei esse abandono. Eu sou um privilegiado! Muito obrigado, meus inseparáveis amigos de todas as horas!

Os presentes aplaudem, entre berros de “bravo” e “fala mais”.

Arnalda entra na enfermaria, vai direto ao leito de Lázaro, para trocar o soro, e o desperta de seu cochilo. Ai, essa brancura torturante de novo! Esses cheiros de doença...

– Terminou o horário de visitas. Vim cuidar do meu paciente fraquinho. – e liberta um riso maldoso, sarcástico, de lábios fechados.

Mais um dia sem visita, mais um dia sem ninguém. Hoje, Lázaro Magno completa trinta e um anos.

SUBMUNDO

Gaaalooo!!! E o sangue escorreu na boca e no queixo. O Gilmar me deu um soco na cara, só porque gritei “galo”, que ganhou o jogo. Mas eu não sabia que ele era cruzeiro. Meu pai bebia sua pinga na porta do apartamento, no corredor do terceiro andar. Ele só me pegou no colo... Eu berrando... Eu tinha sete anos... O meu olhar dolorido e revoltado gritava pro pai: “Reage! Reage!”. E nada. Não pôde fazer nada. Foi pra dentro de casa comigo e me jogou na cama, do lado da minha mãe quase morta de bêbada.

O Gilmar era o dono desse muquifo, um predinho invadido de quatro andares, na zona boêmia de Belo Horizonte. Meu pai cuidava dos podres do prédio: sanitários entupidos, moradores que não pagavam, putas noiadas, vômitos de cachaça. Eu me lembro bem de um dia que ele, ardendo de febre, não conseguiu ir limpar a cagada do Tonhão, que foi assassinado lá na porta. O Gilmar chegou e bateu demais nele. Coitado, até cuspiu a hemorroida pra fora. Outra vez, numa roda de malandros, o maldito chamou o pai e perguntou: “Se ocê não me obedece, o que acontece? Anda! Responde!”. E o coitado obedeceu: “Ocê me bate”. Mas a desgraça não se contentou: “Fala mais alto!”. E o resto de lixo começou a gritar: “Ocê me bate! Ocê me bate! Ocê me bate!”. Depois, ainda levou um chute na bunda. Todos caíram na zoeira.

Eu cresci no predinho invadido, vendo o Gilmar mandar em tudo; se ele gostasse de alguma coisa que alguém tivesse comprado ou conseguido, tipo uma televisão, geladeira, qualquer coisa, não queria nem saber, ia lá e tomava na marra; comia as meninas mais bonitas do lugar, mesmo se elas tivessem namorados, mesmo sendo à força; se a coitada fosse virgem então... Minha irmãzinha mais nova perdeu a vida, atravessada por um cabo de vassoura nas partes indecentes.

Um dia – o Tuim que encontrou comigo na praça da rodoviária e contou, porque eu já tinha sumido desse inferno – o Gilmar recebeu um bilhete que dizia que a Martinha, sua mulher, tava manchando sua honra e trepando com meu pai! Meu Deus! Meu pai? Coitado. O corno fodido não perdeu tempo; meteu a porrada na Martinha, que ela até

caiu, quase desmaiada. Depois, ele pegou seu cabelo e saiu arrastando, foi descendo com aquele cavalo de dois cus pelos degraus do prédio, sem poupar maldade. Ela gritou, gritou, gritou, até chegar no térreo. Em silêncio. E meu pai? Eu não sei o que aconteceu com ele. Não me contaram. Nunca mais tive notícia.

Ainda bem que fui embora há muitos anos. Agora, com meus quinze, tô aqui assistindo o incêndio que queima a mãe, queima o Gilmar, queima o predinho nojento e todo mundo; só fico triste porque não consegui ver os ratos se esturricando no fogo. Também, os que não tavam tontos, tavam noiados, acho que não viram nada. Que pena. Muito fogo! Parece que quer avançar no céu. Parece que tá dando gargalhadas. Bem feito! “Seu capacho tá comendo a sua piranha”. Aquele bilhete... Até que escrevi direitinho. Ih, preciso tirar o cheiro de gasolina da mão.

PERDÃO OU VINGANÇA

Heloísa sofria demais com Geraldo. Desde que se casaram, foram muitas noites em claro à espera do marido bêbado que, ao chegar, violento, cobria-lhe o corpo de pancadas. Depois, ele desmaiava e ela tirava seus sapatos, ajeitava-o na cama. Resignada, silenciosa, serva. Até doença venérea, pegou. Por um aborto mal sucedido que fizera, obedecendo à ordem do seu homem, não podia mais ter filhos. O que não era de todo ruim, pela vida que vivia, mas mesmo ciente disto, sentia uma tristeza profunda, uma sensação de incompletude. Certa vez, ele chegou ao extremo de obrigá-la a acompanhá-lo em seu encontro com a amante, uma profissional do sexo por quem estava desatinadamente apaixonado, e dizer coisas humilhantes. Chamou a mulher até o portão da casa em que ela morava e trabalhava:

– Fala, Heloísa, fala o que cê veio falar. Anda!

Ela hesitou, tentou ir embora, mas foi pega pelo braço e sujigada com brutalidade:

– Por favor, não deixa o meu marido! A gente precisa docê!

E ele:

– Fala mais!

– Eu sei que não sou digna nem mesmo de olhar no seu rosto! Cê é melhor do que eu, é mais bonita, é muito mais importante, merece meu marido mais do que eu!

– E ocê, o que cê é? – pressionou Geraldo.

Heloísa emudeceu, como se uma placa de vergonha vedasse suas cordas vocais. Ele a pegou pelos cabelos, aos solavancos. Ela, com indescritível dificuldade, continuou:

– Eu sou um lixo! Sou a escrava que beija seu pé!

E se amoleceu de chorar. A amante, também com os olhos cheios d'água, assustadíssima, entrou e atabalhoadamente trancou o portão, correndo e gritando:

– Saiam daqui! Saiam daqui!

Foram inumeráveis acontecimentos tristes. Os vizinhos, testemunhas de muitos destes, não entendiam tamanha passividade. Nem mesmo a própria vítima conseguia

entender por que suportava tudo aquilo. Dependência? Covardia? Amor? Loucura? Falta de caráter? Não, não sabia. Apenas sabia ser incapaz de alguma atitude.

Geraldo que se cansou. Numa tarde de sábado, foi para o bar e não voltou mais. Sumiu. E Heloísa foi obrigada a sobreviver sozinha. Felizmente, pôde contar com o apoio de alguns vizinhos compadecidos com sua condição. Até emprego de faxineira arrumaram para ela, que não perdeu tempo, tratou de entrar logo numa escola de alfabetização para adultos. Aprendeu a ler, escrever e fazer contas com rapidez e apuro admiráveis. Lia compulsivamente e comunicava-se como se tivesse mais instrução do que tinha de fato.

Mas quatro anos depois, o marido voltou. Encontrou-a já estabelecida, recuperada moral, emocional e financeiramente. Era provedora de si mesma. Sim, ele voltou. Voltou desempregado, miserável e enfermo. Bateu na porta do velho barraco onde a havia deixado a se virar com aluguel e outras despesas. Estava abatido, imundo, barbado e tossindo muito. Assim que ela atendeu, ele se jogou a seus pés:

– Me perdoa, Heloísa! A vida tem me castigado demais, mas não reclamo; estou pagando por ter feito ocê sofrer. Mas agora eu preciso de ajuda, não tenho pra quem recorrer.

Ela penetrou seu olhar vingado no dele, perdedor e mortiço, e apenas disse:

– Entra.

A esposa abandonada acolheu o marido prófugo. Alguns vizinhos se indignaram, outros admiraram a atitude nobre de Heloísa, chamando-a até de santa; isto a deixava satisfeita, vaidosa, sentindo-se mais do que gente. “Ora, santa?”... “Eu, santa!”... Nunca pensou ser tão admirada; e mesmo os que não admiravam, falavam dela. Sempre que a questionavam diretamente, repetia: “é meu coração que é muito mole, não posso fazer nada, eu perdoo ele”. Foi o assunto do beco por um bom tempo. Não quis saber por onde Geraldo andou, o que fez, como e com quem viveu, nada. Quando ele ameaçava dizer algo sobre seu longo período de ausência, ela o mandava calar-se e era de imediato obedecida. As posições se inverteram. Não permitia que o homem sequer se aproximasse, a comunicação entre ambos se fazia por raros monossílabos.

O doente piorava mais a cada dia, a despeito das tantas horas perdidas na Unidade de Pronto Atendimento. A esposa sempre participava dessas perdas, pois fazia questão de acompanhá-lo. Ela assumiu todo o tratamento da tuberculose agravada pela negligência do paciente. Cuidava dos horários dos remédios, media temperatura e

pressão arterial, aprendeu a aplicar injeções, tornou-se quase uma enfermeira. Saía cedo para a lida, mas como os apartamentos em que trabalhava eram próximos, entre uma faxina e outra, corria à casa para tratar do marido. Mas Geraldo se abatia progressivamente, estava ainda mais fraco, mal se alimentava, nem falar conseguia direito. Os médicos não entendiam o porquê, uma vez que as drogas eram eficazes noutras pessoas. Decidiram interná-lo, mas Heloísa não permitiu; conseguia, através de uma ONG, toda a medicação, oxigênio e outros aparelhos necessários ao tratamento; fazia questão de cuidar do doente. Proibiu visitas e isolou-se com ele no barraco, só saindo para fazer as faxinas, àquela altura, já bem reduzidas. Sua dedicação era absoluta.

Passado um tempo, Geraldo, que não se levantava mais da cama, perguntou-a, enquanto ela o limpava e trocava seu pijama sujo de fezes ralas:

– Por que cê trata de mim, mesmo assim tão bruta e emburrada? Por que não deixa eu internado lá no hospital? Por que não deixa eu morrer?

Ela sentou-se na beirada da cama, observou os braços daquele resto de gente, esqueléticos e feridos por picadas de injeção, sentiu uma ânsia de vômito pelo mau cheiro, abaixou a cabeça, voltou a olhá-lo e respondeu:

– Porque me faz bem saber que você depende de mim pra continuar vivo; pra te mostrar que sou melhor, mais importante do que você e aquela puta, que na certa meteu o pé no seu rabo na primeira sarjeta. Você não é digno sequer de me olhar no rosto, não me merece, é um lixo, meu escravo sem serventia, só não beija meus pés porque não quero. Sou até chamada de santa! A santa que te alimenta, mata sua sede, comanda sua vida. Eu tento controlar esses remédios, pra que você não pare de sentir agonia, mas não morra. Ah, quem me dera se tivesse o poder de te deixar vivo por muitos e muitos anos e com a consciência perfeita pra sentir as aflições das febres, cada fincada de agulha, cada falta de ar quando desligo o oxigênio pra te fazer levantar a mão, com essa dificuldade patética, implorando socorro. Eu te aceitei de volta pra te humilhar com meu perdão!

Só interrompeu a fala por causa de uma tosse seca e insistente que a incomodava havia algumas semanas.

ROSAS BRANCAS

Alice criara sozinha seu filho Juliano. Àquela altura, contemplando-o com vinte anos, prestes a se formar em sociologia, sentia-se vitoriosa, orgulhosa de si. Mas lamentava por ele não aceitar seu novo marido, Lúcio, um professor de matemática que lecionava na mesma universidade onde o rapaz estudava. Estavam sentados em torno da mesa do café da manhã, ela e o filho. O marido ainda não havia saído do banho.

– Juliano, você me faria tão feliz se acolhesse meu relacionamento com Lúcio! Ah, meu filho...

– Mamãe, não é questão de acolher. Não tenho o direito de me meter em sua vida. Só me incomoda sua insegurança. É torturante viver assim, você tem ciúme de cada passo que ele dá! Bem, tenho que me apressar, estou atrasado.

Teve dificuldade de levantar a mochila depositada sobre o espaldar da cadeira.

– Quanto peso, meu filho!

– Tenho aula de teatro hoje. É a indumentária da personagem.

Lúcio, ao chegar e assentar-se, disse em tom amável:

– Juliano, vou tomar apenas um café puro. É rapidinho, se puder esperar, eu lhe dou uma carona. Afinal, vamos pra o mesmo lugar.

– Obrigado, mas minha amiga Fernanda está me esperando lá embaixo. Tchau!

O homem olhou fixamente para Alice. Aquele olhar suave, afetuoso e penetrante, que tanto a encantava; que tanto a dominava:

– Está vendo, meu amor? Eu tento de todas as formas me aproximar, mas ele deixa claro que me rejeita!

– Tenha paciência, querido; com o tempo, isso vai mudar.

Como se hipnotizada pelos gestos do amado que, por sua vez, entregue a pensamentos vagos, saboreava o café, Alice quase chorou ao relembrar a imagem – que vira acidentalmente – de seu companheiro abraçado e aos beijos com uma jovem loura, na porta daquele maldito imóvel comercial de sua propriedade, que ele insistia em manter fechado e não alugar. Estava bem distante, não pôde reparar direito, mas a

mulher parecia bela. Nada falou, escondeu do próprio filho, pois sua atitude covarde e doente a envergonhava sobremaneira. Não! Não podia sequer imaginar a possibilidade de perder Lúcio, era loucamente apaixonada!

Será que ele iria mesmo para a universidade? Será que não teria um novo encontro com a amante? Mas ofereceu carona a Juliano! Talvez porque tivesse certeza de que o rapaz não aceitaria... Alice, atormentada, resolveu segui-lo.

Ele beijou-a com pressa e saiu. Também ela, ao seu encalço.

Foi tal imaginava. Parou o carro em um local estratégico, que favorecia a visão sobre o que acontecesse à porta da loja fechada. Lúcio estacionou em frente, como se aguardasse alguém. Em seguida, a porta do imóvel se abriu. A mulher loura estava em seu interior. Trajava um esvoaçante vestido florido. Lindo! Trancou a porta e foi ao encontro de Lúcio, entrando rapidamente em seu carro. Um beijo alucinado entre eles ardeu no coração de Alice! Trêmula, incapaz de concatenar as ideias, permaneceu seguindo-os.

Atravessaram a cidade. Alice estava cega! Cega de revolta! Cega de nojo de si! Cega de inveja da outra! Eles entraram num motel muito simples, de beira de estrada. Ela entrou logo atrás. Não foi difícil comprar solidariedades de recepcionista e camareiro... O casal pediu rosas brancas. Alice foi levar...

Ao toque da campainha:

– Meu amor, nossas rosas chegaram. Vou espalhá-las na cama, enquanto termina o banho.

Assim que Lúcio abriu a porta, a humilhada mulher adentrou-se ensandecida, arfante, tremendo dos pés à cabeça, a rugir como leoa faminta, em direção à toaleta. Ainda pôde avistar, jogados sobre a poltrona, o vestido estampado em florais e um emaranhado de longos cabelos louros. Uma peruca!

– Onde está a desgraçada? Onde está?

Ao deparar-se, tão de perto, com todo o encanto daquele semblante feliz, todo o frescor daquela juventude, toda a maciez daquela pele, toda a beleza daquelas formas que recebiam, delicadas, as gotas mornas e firmes lançadas pelo chuveiro, Alice sentiu desprezo por si. E culpa! Não sabia bem por que, mas tinha muita culpa! Veio à sua memória a perceptível aversão que o filho nutria por Lúcio. A mochila pesada! Gritou ainda mais alto:

– Perdão, meu filho! Perdão!

E prostrou-se de joelhos, ante o corpo despido e molhado de Juliano.

A SUCURI

Havia duas semanas que abandonara o barraco onde morava com o pai alcoólatra. O pouco dinheiro que tinha se foi. Ao passar por uma sombria rua da cidade, reduto de outros bêbados, drogados e marginais de vários matizes, Cátia viu, colado na parede de um bar, um anúncio escrito em folha de ofício toda escurecida pela poeira do asfalto, com caneta esferográfica, letras grandes, tortas e vacilantes, sobre uma vaga para balconista. Julgando, pelas aparências e localização do lugar, que seriam improváveis maiores exigências, resolveu tentar. Entrou e aproximou-se do homem que limpava o vidro do balcão com uma flanela engordurada.

– Bom dia! Sobre a vaga de balconista...

– Se quiser pegar, dou teto e comida. Não posso pagar muito, mas...

– Quero sim!

Levando a mão direita ao queixo e esfregando-o lentamente, depois de observá-la por alguns segundos, pensativo, ele respondeu:

– Tem boa aparência, é jeitosa, sabe falar direitinho... É. Pode começar agora?

– Posso sim! Tava precisando mesmo de um lugar pra ficar, tava num abrigo. Meu nome é Cátia. E o do senhor?

– Pedro. Mas não assino carteira, hein?

– Tá.

Pedro era um homem de feições rudes, gordo, de fartos e longos pelos espalhados em peito, braços e concentrados na barba grande e grisalha. Sua voz, de tão grossa e rouca, era assustadora! Não perdeu tempo, tratou logo de informar à Cátia suas obrigações. Seria, além de balconista, cozinheira, faxineira, lavadeira e garçoneiro. Ah, e cega e surda! Mandou que tomasse um banho e fez-lhe um adiantamento de salário, para que comprasse algumas peças de roupa.

O emprego lhe proporcionou uma verdadeira metamorfose de caráter. Aprendeu a dissimular-se, a adaptar-se às mais diversas e embaraçosas situações. O fato de conviver com os frequentadores do lugar, vulgares ou violentos demais,

desestruturados social e emocionalmente, propiciou-lhe uma total flexibilidade de atitudes. Para se esquivar, por exemplo, das investidas, das insinuações eróticas que recebia a todo momento, criou um verdadeiro arsenal de saídas estratégicas. Quanto aos sonhos de realização pessoal e financeira num universo mais ameno, estes se dispersaram e sumiram, um a um, em cada bucha de maconha, em cada murro de homem no olho, na boca, em cada cópula bêbada, nojenta e vazia.

O tempo passava inalterado. Até que em certa madrugada, ansiosa para concluir suas obrigações e se recolher, lavava alguns copos na precária cozinha do bar, quando Pedro, após fechar as portas, aproximou-se e sussurrou, quase ao seu ouvido:

– De hoje não passa, vou meter em você!

Percebendo o grau de embriaguez em que se encontrava o homem e já habituada a superar situações até mais difíceis, não se abalou. Mas ele falava sério! Subitamente, deteu-a nos braços, soltou-lhe os cabelos e pôs-se a acariciar-lhe o corpo com mãos e lábios. Ela apenas suspirou, não demonstrando a menor reação. Portou-se feito uma estátua. Sabia que de nada adiantaria tentar enfrentá-lo, por pura desproporcionalidade física. Sem considerar que ainda correria o risco de perder o emprego. Apesar de repugnada com os odores fortes de álcool, suor e urina que dele exalavam, deixou-se à mercê de suas vontades.

A partir de então, episódios semelhantes aconteciam quase que diariamente e aos poucos, sem se dar conta, Cátia foi se tornando propriedade de Pedro, algo assim como um instrumento de múltiplas utilidades, uma verdadeira escrava que se restringia a obedecer a comandos. Ele já não queria que ela se aproximasse do balcão, para que nenhum malandro a molestasse mais. Passava dia e noite se desdobrando entre as quatro paredes quentes da cozinha e as do quarto escuro do dono do bar. Curiosamente, aquela situação, de alguma forma, agradava-a. Suspeitava até que o amava. De um jeito incompreensível, é verdade.

Mas num de seus ataques de macho excitado, não se contendo com o sexo brutal que praticava na mulher, o asqueroso patrão, muito bêbado, empurrou-a até a porta do quarto, afastou-se, sentou-se na cama e ordenou que ela se arrastasse no piso de cimento grosso, ao seu encontro. Cátia relutou, chorou, implorou para que ele não a humilhasse tanto e o que recebeu foi um forte soco no rosto. Não teve escolha. Esfolou seios, braços, ventre e pernas, que se raspavam sobre a aspereza do piso. As feridas

ardiam muito! Depois de gargalhadas e urros de prazer, vencido pela embriaguez, Pedro adormeceu.

Foi durante a madrugada que ele viveu a experiência mais assustadora de sua vida! Um terrível pesadelo! Acordou sufocado, como se algo o espremesse. Ao perceber o que acontecia, desesperou-se! Uma enorme sucuri envolvia e apertava seu corpo com uma força absurda, tomava-lhe o ar, esmagava-lhe os órgãos internos, quebrava seus ossos. Quanto mais tentava mover-se, mais o bicho o comprimia, a ponto de não conseguir sequer mexer um dedo. Tentava gritar, vomitar em desespero, mas a voz não saía, o vômito não saía! A espessa e pesada massa cilíndrica o constringia lenta e sadicamente, com o requinte, com o cuidado, que só o ódio e a fome de vingança são capazes de alcançar. Fitou os olhos da serpente, implorando clemência e avassalador foi seu espanto ao reconhecer os olhos de Cátia, que se comunicavam com ele:

– Você chupou minha vida, meu resto de dignidade, meu orgulho, depois de me iludir com seu amparo. Pegou até minha identidade, virei uma coisa sua, sem direito a ter desejo, ideia, pensamento meu. O que sou agora foi você mesmo quem criou, quando tirou de mim a condição de gente e me transformou num réptil rastejante. Ai, que prazer eu sinto em esgotar o resto das minhas forças espremendo sua vida! Assim, devagar, pra que sofra bastante! Quero olhar pra sua cara de dor e de agonia até o último instante da minha existência!

Na medida que falava, a voz da sucuri, emanada pelos olhos, perdia intensidade. O homem já estava entregue. Ela sussurrou:

– Vamos morrer juntos.

O POSSESSIVO

Seis da tarde. Penumbra soturna na sala de estar. Resquício de luz refletido na empoeirada tela abstrata de um artista desconhecido. Mal acomodada na cadeira, Livia o mirava fixa, mas perdidamente, em silêncio sepulcral, como se estivesse em outros mundos.

Sentado diante dela, Cláudio falava em desequilibrada aflição:

– Meu amor, não me olhe assim, como se cansada do meu sentimento! Esmaga-me esse olhar cego, indiferente à minha veneração, ao encanto que sinto por ter seu cheiro no ar, o calor, sua presença. Sem você, nada tem sentido! Mas devo confessar que jamais suportei que dividisse a atenção com outras pessoas. Angustiava-me saber que sorria para os outros, falava com os outros, olhava para os outros! Era tomado por uma ira quase incontrolável quando brincava com Julinho, seu irmão caçula. Você se lembra de quando serviu o prato de seu primo antes do meu, no aniversário de Luciana? Quase morri de agonia e me senti um micróbio perdido naquele mundo de gente sem importância. Meus nervos se enrijeciam, passava a odiar com toda a força do mundo, tão-somente por inveja, o artista que dizia admirar, a música que dizia gostar, a fruta que dizia saborosa. Magoava-me seu adormecer, porque não podia entrar no que sonhava. Enfurecia-me a água do chuveiro que deslizava em seu corpo, o sabonete! Até o próprio tempo, seu passado sem mim! Ai! Quanto tormento! Como sofria! Mas ficava feliz com sua obediência, com sua compreensão, quando me pedia desculpas por despertar meus ciúmes e se mantinha quieta ao meu lado, recostada em meu peito, dominada entre meus braços, com os olhos fechados. E você repetindo que me amava inúmeras vezes seguidas! Lembra-se? Eu contava as repetições do seu “eu te amo” ao longo do dia. E protestava quando a contagem não superava uma centena. Ah, como eu me orgulhava de ser o dono do seu amor! Nossas viagens à praia... Não se incomodava por não poder vestir roupas de banho indecentes; nem se importava com as críticas de suas amigas, permanecia juntinho de mim, seriamente vestida. Eu lhe entreguei minha vida inteira para que tomasse conta! Está e sempre esteve em tudo

que me pertence, em tudo que me mantém vivo, mas preciso que também dedique sua vida a mim, somente a mim! Contudo, pouco a pouco, você foi se emudecendo, tornou-se apática, não sai de casa nem mesmo sob minhas proteção e vigilância, não procura a luz do dia, sequer sente fome e sede. Gosto de tê-la assim, de forma tão absoluta, não posso negar, mas converse comigo, Lívia! Converse comigo! Eu não suporto mais este silêncio torturante!

Arrebatado pelo desespero, suplicando, aos berros, que Lívia falasse com ele, Cláudio se levantou abrupto, aproximou-se, pegou-a pelos ombros e apertou-a tanto, tanto, que ela se quebrou. A mulher que seu possessivo amor tornara feita de vidro se despedaçou! Ele fitou as palmas das mãos ensaguentadas, levou-as às faces e caiu de joelhos. Em seguida, deitou-se sobre os cacos, chorando convulsivamente.

SALVADOR

Noêmia há muito tempo não sorri de verdade. Apenas risinhos de lábios cerrados. Pelo que ouvi, ela sempre foi tristonha, desde criança; e a situação piorou depois de abandonada pelo noivo, três horas antes do casamento. Aí, a coitada se afundou de vez. Mesmo assim, persistente, insistiu em outros relacionamentos ao longo da vida, mas como não teve sucesso, por fim, enclausurou-se num apartamento de dois quartos, herança dos pais, resolvida a morar, viver sozinha, até o chamado da morte. Foi quando eu apareci, como tentativa desesperada de Joaquim, seu irmão caçula, de salvá-la. E até que funcionou. Na verdade, ela demorou um pouco para me aceitar; no entanto, essa minha simpatia irresistível resolveu tudo (modéstia às favas).

A triste mulher só conversa comigo. Eu e algumas dezenas de fotografias antigas somos o seu presente. Estica as feições enrugadas de sexagenária para fazer muxoxos e arregala os olhos verdes, quando cisma de contar-me suas vantagens do passado, quando revive os momentos registrados nos retratos. Ora perde-se nas imagens, como se tentasse resgatar as mesmas sensações do instante fotografado, ora ensopa o rosto em lágrimas, como criança que perdeu o brinquedo querido na correnteza violenta de um rio. Eu a escuto com paciência, fingindo entender tudo. Ela tem tanta intimidade comigo, que acaricia, carente, a genitália, bem diante das minhas vistas, nem liga. Eu também não ligo, embora, às vezes, fique meio ouriçado pelo cheiro. Mas respeito. Gosto de Noêmia.

Quando faz frio, tece roupas de tricô para mim. Quase morro de aflição, mas como sei que fica satisfeita ao me ver vestido com elas, eu suporto resignado. Não posso protestar, Noêmia é muito dedicada, prepara minha comida, meu banho, vivemos em plena partilha. Acho que ela desmancha sua solidão em minha vida.

Certa vez, dois ladrões entraram no apartamento. Estávamos na sala, assistindo à telenovela reprisada de tarde. Um deles, aos berros, pegou Noêmia e a sujigou com muita, muita brutalidade. E eu, tomado por uma ira instintiva, incontrolável, avancei nos dois e os agredi bravamente! Um ficou sangrando! Mesmo portando revólveres,

fugiram apavorados. Não entendi; que ladrões medrosos! Ah, deviam estar bobos, de tanta droga. Sorte nossa. Ganhei apenas uma coronhada na cabeça, nada grave. Minha companheira, depois de reclamar zangada pela falta de segurança do condomínio, agradeceu-me entusiasmada, enalteceu-me, como se eu fosse um herói. A partir de então, seus cuidados comigo aumentaram. Acho que ela me ama.

Passamos semanas inteiras sem sair de casa, ela e eu vivemos um para o outro. Para ser mais exato, minha vida pertence a ela. Apenas Joaquim nos visita de vez em quando. Não gosto dele. Dá soquinhos em minha cabeça, insiste em jogar futebol comigo e machuca minhas pernas com boladas fortes.

Ontem, pela manhã, enquanto me fazia um cafuné, Noêmia me falou assim:

– É, meu companheiro, você é o único que me entende, posso dizer qualquer coisa, que me ouve em silêncio, sem contestar. Não sei como pude viver tanto tempo sem o seu amor. Passei quase toda a minha vida procurando desesperadamente ser amada por alguém, ser cobiçada por algum pretendente. Aí, quando encontrava um, logo estragava tudo com minha insegurança, com um ciúme enlouquecedor que me dominava. Queria saber de tudo o que faziam na minha ausência, ficava irritada se olhavam para outras mulheres. Eu os sufocava com meu zelo excessivo e cobrava retorno, gratidão. Eles se assustavam e iam embora. E a história se repetia, repetia, repetia... Com você é diferente; posso tomar conta de sua vida, controlar tudo o que faz, exigir sua dedicação, seu bom comportamento, vestir as roupas que eu bem quiser em você, quando saímos para passear nos lugares que eu escolho. Tenho completo domínio sobre sua existência, como sempre quis ter sobre as pessoas que me cercaram.

Não sei se estou feliz com o que escutei. Não sei se sou feliz. Noêmia impede que eu me relacione com outras criaturas, vigia meus passos e me repreende quando resolvo fazer algo diferente de sua vontade. Até me bate! Eu aceito, porque na maior parte das vezes ela é boa comigo. E porque é minha dona. Ser propriedade dos outros chateia. Mas não reclamo; abano meu rabinho e ela até sorri! Vida de cachorro é assim, é servir de humano domesticado, para quem quer brincar de Deus. Ah, meu nome é Salvador.

O FOSSO

Augusto convencera-se, desde muito cedo, de que era melhor do que os outros. Os próprios pais mostravam tal verdade, tratando-o como um ídolo de ouro. Seus dotes eram mais nobres, as notas escolares, as maiores; tudo o que se referia a ele era mais valioso. E crescera desdenhando pessoas; sarcástico, arrogante, vaidoso.

Andava sempre só; o que não o incomodava de maneira alguma, sequer percebia, pois não olhava para o que havia ao seu redor. A postura altiva o fazia mirar unicamente o céu. Era como se os seres e as coisas existissem apenas para celebrar sua excelência. E pisava forte, com o peso absurdo de suas inteligência e beleza insuperáveis, sobre o que não lhe enaltescesse e, por leda ousadia, atravessasse o seu caminho. Habilidades, inspirações, virtudes, conceitos, vantagens e sentimentos alheios eram impassivelmente pisoteados. Nenhuma mulher estava à sua altura, ninguém merecia sua amizade ou simples consideração, de tão superior que se sentia. Apenas os carentes de autoestima podiam girar em torno dele, como piorras desnorteadas, ou mariposas ensandecidas. E cercava-se de bajuladores, de personalidades raquíticas, que só contribuía para resplandecer a convicção de que era, sim, “quase” um deus. Para esses, sua presença era como tela de cinema exibindo um grande filme: cessando vozes e moldando emoções, prevalecia a capturar toda a atenção.

Eis a vida de Augusto: ofuscar os outros com seu brilho, silenciar com suas verdades impolutas, esmagar sob seus pés. Assim, o mundo em que vivia tornava-se mais e mais deserto. Com o passar do tempo, a vaidade canibal devorou até mesmo os bajuladores. E prosseguia na caminhada incessante, aos passos fortes e implacáveis, com os olhos fixos no firmamento, desejando ardentemente toda aquela imensidão, todo o domínio exercido pela maravilha celeste sobre o planeta, ao delimitar possibilidades nas alturas.

Mas... estranho! Quanto mais caminhava, mais distante o céu se tornava, enquanto o ar se rarefazia! É que não existindo seres e coisas para pisotear com seu peso de esplendor (já havia esmagado tudo), sem que percebesse, afundou a própria terra em

que pisava. E com ela, afundou-se também. Surpreso e amedrontado, olhou para os lados, para frente, virou-se; e constatou que estava preso num enorme e profundo fosso! Desesperado, gritou, pediu socorro! Ninguém apareceu. E seus gritos restrugiram tão intensamente naquele buraco negro, que o fizeram ruir! Um torrão seco se espatifou sobre sua cabeça, depois outros atingiram os ombros. E caíam pedaços de terra dura por todos os lados. Já não conseguia ver o alto, tudo era poeira acima de seu corpo! Em poucos segundos, não pôde mais se mexer. E tudo se fez treva. Augusto sucumbiu, soterrado na cova que cavara com seus passos pesados de soberba.

O PRISIONEIRO

Encarcerado em recinto escuro, com tons sinistros de pavor, Antônio tentava libertar-se da mordaca que o calava e das correntes esbraseantes que lhe impediam movimentos. Acordara enjaulado entre grades de ferro grosso e ferrugento, mas desconhecia o motivo. Lembrou-se de que chegara cansado do trabalho e que depois do banho, recolhera-se. Como surgira ali?

Ao seu redor, olhares furiosos e repreendedores o carcomiam como se gargantas ávidas para sorvê-lo. Porém, não conseguia ver os rostos, protegidos pela escassa iluminação. Os tais olhares ora se aproximavam, ora se afastavam, numa sádica e constante ameaça. O que fizera? Por que estava preso? O pânico apossou-se de seus nervos, fibras e músculos! Tremia incontrolavelmente! Desesperado, pôs-se a berrar:

– O que eu fiz? Tirem-me daqui! Por que me olham assim? Quem são vocês?

Os olhos esgazeados das fisionomias ocultas dilatavam-se ainda mais, faiscando ira. Um silêncio sepulcral asfixiava o ambiente. Aqueles olhares não teriam rostos? Exausto, Antônio calou seus gritos. Como de costume, desistiu. Foi quando aproximou-se das grades um homem de estatura mediana, um pouco gordo, com as faces cobertas por um lenço de cetim azul. O prisioneiro enxergou-o com nitidez, porque em torno dele havia luz. O indivíduo retirou o lenço lentamente. Eles eram idênticos! Não! O homem era o próprio Antônio! Viu-se do outro lado, absolutamente livre!

– Sou a parte sua que deseja prosseguir em liberdade, mas você não permite.

– Como faço para libertá-lo, se estou preso nesta jaula?

– Basta recuperar a coragem.

– E esses rostos ocultos na penumbra, dos quais só posso ver os tenebrosos olhares? Como livrar-me deles?

– São seus medos; eles vigiam este cárcere, para que não consiga fugir, intimidado pelas feições sombrias e olhos ferozes.

– Salve-me, parte minha que deseja prosseguir!

– Feche os olhos, mergulhe em sua essência. Encontre, acorde, resgate a crença em si, os resquícios da esperança desmaiada sob as frustrações. Seja destino, seja acaso, sejam desígnios divinos, as consequências são as mesmas ao final. A possibilidade de dar errado existe, mas existe também a de dar certo. Você não pode permitir que o medo o aprisione, é necessário brigar pela vida! Vamos! Força, minha parte encerrada!

– Estou conseguindo! Estou sentindo uma grande ternura!

– Continue!

– Sinto orgulho, respeito por mim! Quero proteger-me! Quero manter-me de pé! Eu posso enfrentá-los! Eu quero enfrentá-los!

– Agora, pode abrir os olhos.

Antônio obedeceu. E deliciou-se ao perceber a parte que desejava prosseguir se aproximando mais e mais, penetrando em seus poros, acomodando-se em suas entranhas, nas emoções, nos sentimentos. Em seguida, olhou em torno de si. As feições sombrias de olhares apavorantes eram raios de sol invadindo frestas de porta e janelas! As correntes que envolviam-lhe o corpo e a mordaca que tapava-lhe a boca eram de frágil papel! Rasgou-as todas com facilidade, levantou-se e tocou nas grades da cela. E sensíveis ramos de planta quebraram-se em suas mãos. O recinto iluminou-se de coragem. Antônio libertou-se de seus medos.

O LOBO

Enquanto tocava os extremos dos dedos no pelame que, dia após dia, crescia fartamente no peito, lembrava-se de quando começara tudo aquilo...

O almoço com Nádia; a carne vermelha no espeto, a carne sangrando, o lábio vermelho, a fome, a sanha, o sangue, o lábio de Nádia... O desejo incontrollável de devorar a carne, beijar o lábio, abocanhar o vermelho de Nádia...

Em seguida, veio-lhe à memória o dia em que Celso chamou-o de imbecil. A ira! A sede instintiva de cravar-lhe os dentes no pescoço, nos ombros. Arrancar-lhe o coração! Ah, Celso... Ah, não podia admitir que outro invadissem seu território daquela maneira, que não respeitasse o cheiro de sua urina. Ah, Celso... Como quis aquelas vísceras! Mas alguns camaradas do trabalho conseguiram acalmá-lo, levá-lo para longe dali. Afinal, e se perdesse o emprego? Mas a sede pelo coração de Celso jamais abandonara-lhe os sentidos...

Depois, as caçadas noturnas pela cidade, a voracidade, as fintas nos bares, os quartos amantes, roubos de fomentos alheios, a violência ao desejar o alheio... A vida selvagem no inferno urbano.

Sob tais lembranças entorpecidas, premiu os enormes caninos nas próprias mãos. Sangrou-se. Fitou o sangue, fitou as mãos. O peito também sangrava. E só então percebeu que seus dedos tornaram-se garras!

Àquela altura, disfarces não seriam mais possíveis, haveria de isolar-se. Desesperado, sentou-se fortemente no sofá. Algo de novo o incomodava. Tocou-se. Meu Deus! Notou que uma cauda brotava-lhe ávida, abaixo das costas! Começou a curvar-se de forma incontrollável, estendendo o dorso peludo, lançando braços e mãos ao chão, patas dianteiras. Quadrúpede, pôs-se a correr em círculos pela casa, até descobrir a janela aberta e vencê-la, a partir de um formidável salto canídeo! E ganhou as ruas, atravessou avenidas, seguiu estradas, conseguiu a mata...

Restavam-lhe os uivos solitários na montanha sob a lua. Definitivamente, ele era um lobo!

Que alívio voltar à forma primitiva! Abriu os olhos bem devagar, a fim de sorver toda a delícia do momento. Foi quando sentiu o macio repugnante do colchão e o cheiro não menos nauseabundo de lavanda em lençóis e fronhas. Tudo não passara de um sonho. Sim, o lobo permanecia homem; terrivelmente homem.

O QUARTO DE ESPELHOS

Tinha dúvida quanto a denunciar ou não o colega de trabalho – por vezes chamado de amigo – que descobrira roubando da empresa. Precisava iluminar seus pensamentos embaraçados em contradições. Então, dirigiu-se àquele quase esquecido cômodo da casa, um empoeirado quarto, cujos teto, piso e paredes eram revestidos de espelhos falantes.

O espelho da parede à sua frente foi que o recebeu:

– Salve, salve, Leonardo! Faz tempo que não o vemos! Sinal de que tudo estava bem. Felizmente.

– É, mas agora estou com problema...

O de cima entrou na conversa:

– Nós já sabemos.

Os espelhos das paredes laterais eram gêmeos e falavam ao mesmo tempo:

– A prioridade é você! Conhecer a verdade e omiti-la pode comprometer sua carreira. Deve denunciá-lo imediatamente!

O de trás interferiu:

– Estou sempre atento aos seus medos, inseguranças e incertezas. Digo-lhe que espere, que não resolva hoje, reflita melhor.

Leonardo protestou:

– Esperar? Esperar até quando? Esperar não resolve! Você é o mais ineficaz do quarto de espelhos!

– Mas sou o que possui a porta através da qual você entra e sai daqui.

O espelho do piso finalmente se manifestou:

– Procure saber o motivo que leva seu colega a fazer isso; às vezes tem filhos com problemas de saúde... ou... ou...

– É desonesto mesmo! – os gêmeos das paredes laterais completaram, entre risos sarcásticos.

– Vocês não entendem? Trabalho naquela empresa há anos, eles não me valorizam como eu mereço, meu salário é ridículo! Aí, contratam um cara pra ganhar mais do que eu. E esse cara ainda rouba! Tenho três meninos pequenos pra sustentar, Margarete não trabalha! Tem escola, plano de saúde, tudo nas minhas costas! Eu sim, preciso de um reforço no salário! Eu sim, teria razão pra fazer isso! Eu sim, possuo esse direito! Mas não! Sou homem de caráter, sou incapaz de me apossar do que não seja meu. E assim, vou só ficando pra trás! Afinal, não tenho culpa de ser honesto!

E todos os espelhos, a uma só voz, proferiram:

– Ressente-se com seu colega de trabalho porque ele tem coragem de roubar e você não! Isto é inveja, não é honestidade!

A VIRGEM

Otávio atendeu o celular, logo ao primeiro toque:

- Pois não.
- Oi, meu nome é Camila. É sobre seu anúncio naquele site de encontros amorosos.
- Sim...
- Procura uma virgem que esteja disposta a dividir sua primeira noite de amor com você, não é isso?
- É o que diz o anúncio. Pagarei cem mil Reais à escolhida. Caso esteja interessada, mande fotos de nu frontal, inclusive, para o e-mail indicado lá. Não falo mais nada antes de vê-las.
- Quero demais ser a escolhida! Eu me apaixonei por você! Parece loucura, eu sei, mas acredite em mim! Não precisa me pagar nenhum centavo, apenas me escolha!
- Qual a sua idade?
- Dezesete.
- Cismas de paixões inexplicáveis, típicas da juventude. Mande-me as fotos. Caso eu goste, entro em contato.
- Guarde meu nome: Camila Fontes. Examine-as com mais atenção, por favor!
- Tudo bem. Estou esperando.

O quarentão milionário e viúvo, que não tendo mais como acumular fortuna, concedia-se o direito de derreter dinheiro com os mais insólitos caprichos, não precisou esperar muito. As fotografias da moça chegaram em cinco minutos. Que morena linda! Que corpo perfeito! Lábios, os negros cabelos, os grandes olhos castanhos... Camila fora feita para ele! Conferiu todo o material que recebeu por mera gula, pois já se havia decidido.

Uma semana depois, ligou para a moça, informando sobre sua decisão. Ela ficou radiante, aos gritos histéricos pelo telefone. Marcaram o tão esperado encontro.

Sábado à noite, numa esquina movimentada. A exuberante menina-mulher, trajando um vestido azul e curtíssimo, entrou imediatamente no carro preto importado que parou ao seu lado e seguiram avenida acima, rumo ao motel mais luxuoso da cidade.

No início, Otávio a tocou como se toca uma peça de cristal, com extremo cuidado, com a delicadeza de um anjo, mas na medida que respiração e coração se aceleravam, os hormônios entravam mais e mais em ebulição, perdia gradativamente a calma, o prumo, o ar, o chão, até mergulhar feito um doido naquele mar profundo de aromas e carnes tenras. Dedos, lábios e língua perscrutavam, ávidos, cada curva, cada fenda do delicioso corpo virgem irremediavelmente submetido ao seu domínio de macho. A jovem chegou a arrancar-lhe pelos de peito e costas, tamanho o prazer.

Amaram-se por toda a noite, até adormecerem.

Na manhã seguinte, quando Camila acordou, Otávio já estava de pé. Esperou que ela se banhasse e se vestisse, agradeceu pela noite fantástica e estendeu a mão direita, oferecendo o cheque preenchido. Ela protestou:

– Eu não quero.

– Camila, fizemos um negócio. Não confunda as coisas, foi nosso primeiro e último encontro. Você é jovem, tem um futuro lindo à sua espera e eu não tenho nada mais a lhe oferecer.

– Desde o início, eu disse que não queria dinheiro, queria você.

– Mas a mim não pode ter.

– O que tive me basta.

E saiu.

Mais algumas semanas devoradas pelo tempo... Otávio bebia o costumeiro whisky da tarde, sentado à cadeira na varanda do segundo andar de sua mansão. O mordomo se aproximou, para entregar-lhe uma correspondência. Remetente: Camila Fontes. Seu primeiro pensamento: “como essa menina conseguiu meu endereço?”. Curioso, abriu rapidamente o envelope e pôs-se a ler:

“Olá, Otávio!

Deve estar intrigado porque sei seu endereço, mas logo entenderá. Lembra-se de Amanda, sua antiga colega de faculdade? Pois é, deve lembrar-se também que tiveram uma aventura amorosa e que dessa aventura nasceu uma criança; e você, covarde, não quis assumir. A criança rejeitada sou eu! Minha mãe faleceu há dois anos, mas já havia me contado toda a história. Com os pelos que arranquei do seu corpo, fiz o teste de

DNA (cujo resultado encaminho junto a esta carta), que confirmou a paternidade. Pode conferir com calma. Senti muito sua falta, pai! Precisei tanto do seu afeto! E você não me quis! Então, resolvi dar-lhe a maior prova de amor e ódio que uma filha pode dar ao seu genitor: entreguei-lhe meu corpo. Não o conheço o bastante para saber se sente vaidade ou remorso nesse momento, mas tenho certeza de que marquei sua vida com minha presença, assim como você marcou a minha com sua ausência.

A bênção, meu pai!

Camila”

Nervos e músculos do rosto ligeiramente vincado se contorciam! Os grandes olhos esgazeados mal podiam conter a lava incandescente que o consumia por dentro! Com imensa dificuldade, arrastou as pernas trêmulas até o gradil de madeira, apoiou as mãos sobre ele e emitiu um grito assustador, que ecoou por toda a imensidão cinzenta que havia à sua frente.

ÀS TRAÇAS

Assim que a telefonista avisou que Dr. Leocádio, diretor da empresa, chamava-o na sua sala, Maurício interrompeu imediatamente o que fazia, para atendê-lo. Era novato, dois meses apenas no emprego, não podia decepcionar. Bateu e abriu a porta, com cuidado:

– Com licença, Dr. Leocádio.

– Feliz aniversário!!!

Que surpresa! Quanta consideração! Além de diretor e secretárias, todos os gestores do departamento de finanças estavam presentes na pequena comemoração. Órfão de pai e mãe, sem irmãos, parentes, criado no orfanato à custa de caridade cobrada, emocionava-se demais diante de qualquer demonstração de afeto que recebia. Afinal, era só um assessor! Então, todos ali estavam sendo mesmo sinceros. Cumprimentaram-no, um a um. Maurício, à voz embargada, agradeceu:

– Muito obrigado, gente! Confesso que jamais tive uma recepção tão calorosa. Desculpem-me, é que estou emocionado.

Dr. Leocádio respondeu por todos:

– Ora, meu rapaz, apesar de pouco tempo nesta empresa, você já demonstrou que tem garra, é competente, proativo, relaciona-se bem com toda a equipe, tem uma carreira promissora, enfim. Agradeço à Sandra, por tê-lo indicado.

Sim, foi Sandra quem abriu seus caminhos para o emprego. Ajudou-o desde a elaboração do currículo, procurando compensar nas qualificações, na formação acadêmica, a absoluta inexistência de experiências profissionais anteriores na área de gestão. E convenceu Leocádio, que o admitiu imediatamente após a primeira entrevista. Maurício a conhecera assim que saiu do orfanato e entrou na universidade pública, valendo-se de trabalhos informais e pouco remunerados para sobreviver. Embora tivessem estudado durante cinco anos juntos, ele não podia afirmar que a conhecia o suficiente, devido ao véu de mistério que envolvia a vida da bela moça. Às

vezes, em alguma festa, costumavam ficar juntos, Sandra adorava fazer carícias safadas e picantes, excitando-o ao máximo e deixando-o na mão, ao final.

Após seis meses de serviços prestados à empresa, o dinâmico jovem foi promovido a gestor do departamento de custos. Liderava quatro colaboradores que o adoravam, admiravam sua incrível capacidade de eliminar conflitos e dificuldades, sempre norteados pelo respeito mútuo, sem arrogâncias, sem agredir. Sabia motivar a equipe com maestria e assim, todas as metas não só eram alcançadas, como superadas, mês a mês. Indicadores positivos, análises críticas primorosas, enfim, era um profissional valioso. Sua competência logo foi coroada com o status de excelência por uma conceituada certificadora internacional. Houve festas, homenagens, prêmios em dinheiro e afins. Rapidamente, Maurício conseguiu financiar apartamento e carro, sua vida ascendia-se dia a dia.

Passada a euforia das comemorações, Leocádio o chamou em sua sala:

– Maurício, você progride cada vez mais aqui na empresa. Gosto disto. E a essa altura, já conquistou minha confiança o suficiente para que eu lhe faça uma proposta.

O rapaz apenas ajeitou-se na cadeira, curioso.

– Serei direto. Há muito tempo, tenho um caso de amor com Sandra. Mas ultimamente estamos correndo riscos, acho que baixamos a guarda. Sou casado e minha esposa anda muito desconfiada. Como não tenho o menor interesse em ameaçar a solidez do meu matrimônio e nem pretendo me afastar de minha amante, pensei que talvez você pudesse casar-se com ela.

– O quê?

– Sei que têm afinidades, não seria nenhum sacrifício, rapaz. Ela poderia ser mulher de nós dois.

– Sandra sabe disso?

– Sabe sim. É moderna, livre de convenções e adorou a ideia. Quanto a você, ganharia o cargo de supervisor geral, seu salário seria triplicado. Enfim, só tem a ganhar.

– Não sei se me sentiria bem com essa situação absurda, Dr. Leocádio. Afinal, como o senhor deve desconfiar, Sandra mexe comigo, sinto algo especial por ela. O que me propõe é que eu me venda completamente.

– Você está complicando o que não tem complicação nenhuma.

– Preciso pensar.

– Não tenho paciência pra esperar muito; façamos assim, como hoje é sexta-feira, vá pra casa agora, aproveite esta tarde e todo o final de semana pra refletir. Na segunda, você me responde.

Desde o momento em que saiu da sala do diretor, Maurício não conseguiu pensar noutra coisa. A caminho do apartamento, quase bateu o carro por duas vezes. No sábado, acordou bem cedo, sentou-se na ínfima área de serviços e ficou imaginando como seria bom ter mais conforto, mais dinheiro, mais poder. Mas a custo de sua liberdade? De sua dignidade? Bebeu algumas doses de whisky ao longo do dia. À noite, resolveu sair, na esperança de esquecer o que tanto afligia seus pensamentos. Entrou numa boate, sentou-se diante do balcão, pediu um drinque; e outro; e outro. Um jovem sentou-se no banco ao seu lado, elogiou sua barba bem feita, pediu para tocá-lo, ele permitiu. O menino enfiou um papelzinho com número de telefone no bolso apertado de seu jeans. Estava zozzo demais. Pagou a conta e foi embora. A avenida estava relativamente vazia, àquela altura já era madrugada de domingo. O trânsito tranquilo e a embriaguez o motivaram a acelerar. À sua frente, imagens confusas e antagônicas desfilavam. Dr. Leocádio, o jovem e as luzes coloridas e piscantes da boate, faróis, sinais, Sandra... E o desfile foi se acelerando cada vez mais, imagens se misturando, já podia ouvir os sons das vozes, das músicas, da cidade. Tudo embaralhado, tudo embaralhado! Um poste! Um poste quebrou o vidro do carro. Um estrondo terrível!

Quando voltou a si, Maurício estava sobre um leito de hospital. De pé a seu lado, um médico o examinava:

– O que aconteceu? O que estou fazendo aqui?

– Você sofreu um acidente de carro.

Com bastante dificuldade, conseguiu concatenar as lembranças. Reviu o poste à sua frente:

– Foi grave, doutor?

– Você terá que passar por uma cirurgia ainda hoje. Mas acredito que tudo ficará bem. Nem o moço, nem o médico, nem os outros imaginaram que a fratura na perna esquerda deixaria uma sequela tão séria. Maurício teve sua locomoção comprometida. Era irreversível. Após dezenas de sessões de fisioterapia, conseguiu ficar de pé, andando precariamente. Passados três meses, ele voltou a trabalhar, mas não teve o mesmo rendimento. Dependia das pessoas para muita coisa. Com o tempo, percebeu

que Leocádio o tratava com frieza, Sandra fugia de sua presença, a equipe já não o chamava de chefinho querido e obedeciam às ordens com má vontade. Sentiu-se abandonado. Mas aquela situação não se prolongou. Foi numa segunda-feira. Dr. Leocádio o chamou em sua sala:

– Pois não, Dr. Leocádio.

– Como você demorou!

– Não tenho mais a mesma agilidade.

– Bem, serei direto, como de costume. Quero que esqueça daquela proposta que lhe fiz. E ninguém pode saber sobre meu caso com Sandra.

– Eu já me esqueci. E não sei de caso algum. Agora, tudo mudou.

– Você tocou no ponto certo, tudo mudou. Você mudou. Não traz os mesmos resultados satisfatórios de antes. E está comprometendo os fluxos, os processos. Além disto, ainda se mostrou irresponsável, inconsequente. Onde já se viu? Dirigir bêbado? Que mau exemplo! Bem, Maurício, a empresa não se interessa mais por você. Está demitido.

– Confesso que já esperava por isso.

Desempregado e deficiente, passava o dia inteiro ao telefone e diante do computador, fazendo contatos, tentando ajuda, mas os contatos sumiram, os admiradores sumiram, as namoradas sumiram, os amigos sumiram. Rapidamente. No extremo da carência, decidiu ligar para o jovem da boate, mas ao saber do acidente, de sua condição, este também sumiu. Aos poucos, foi se definhando, perdendo o viço, o vigor, até que um dia, ao esticar-se para alcançar o telefone sobre a escrivaninha, percebeu que seu braço esquerdo estava amassado. Tentou desamassá-lo e ele rasgou-se um pouco. Apavorado, parou de forçar. O direito também estava amassado. E mole, fino, sensível, um pouco áspero. Procurou o copo com água que sempre deixava ao seu lado e sua mão não conseguiu sustentá-lo. Molhada, ela se desmanchou! Tentou gritar, mas a voz não saiu. Que horror! Ele havia se transformado em papel jornal! Um monte inteiriço de papel amarelado, envelhecido e frágil. À menor tentativa de mover-se, ameaçava rasgar-se um pedaço e se embolava, espalhava-se mais e mais no chão. Já não ouvia nada. Meio entorpecido, apenas enxergava sombras, com dificuldade. Retomou alguma consciência ao sentir fisgadas por toda a sua extensão. Muitas, muitas fisgadas! Eram traças! Centenas de traças! Elas o comiam com uma fome devastadora, apossavam-se de sua existência de papel! Ele nada podia fazer, não

conseguia mexer-se. De repente, várias delas encontraram seus olhos. Ao primeiro ataque ali, nada mais viu. E entregue, sem forças, vencido, o monte de papel velho foi completamente devorado pelas traças.

O HOMEM QUE SECOU

Desde que iniciara seu martírio, não soube mais o que era ameno. Dia após dia se ressecando, transpirando sua esperança em gotas cristalinas e perfumadas. As forças já lhe faltavam, erguer os braços ou arrastar as pernas eram tarefas árduas que, pouco a pouco, tornaram-se impossíveis. Vivia amuado num canto, sentado sobre a poça de esperança vertida.

Ainda se recordava do quanto sofrera, quando emaranhado, de corpo e alma, nos ramos espinhentos e daninhos de frustrações e perdas constantes. Amargava na essência a bruta convicção de que nascera para a derrota. Mas jamais pensou que seu drama chegaria àquele nível de tormento.

Os habitantes do lugarejo iam visitá-lo, a fim de constatar a veracidade do seu insólito infortúnio. Criancinhas endiabradas quebravam-lhe as unhas secas, para brincarem de espetar-se umas às outras; as senhoras da igreja, mal disfarçadamente, examinavam o ridículo volume que seu sexo fazia sobre o pijama (“ele, que era tão viril...” – pensavam); e os antigos companheiros de botequim tentavam reanimá-lo, com lembranças jocosas dos velhos tempos. O fato é que nada o fazia reagir, nem as peraltices das crianças, tampouco os olhares indiscretos e maliciosos das damas religiosas, nem mesmo as tentativas bem intencionadas dos companheiros bebuns. Estava entregue; drasticamente entregue ao definhamento.

E secava... E secava... Perdia litros de esperança em poucas horas! O olhar mortiço fitando o infinito denunciava não suportar mais o sofrimento, queria ir-se embora para sempre o quanto antes! Nenhum valor cintilava naquela vida desesperançada! Com o passar do tempo, junto às gotas de esperança que entornava, passou a perder também raios de sol pelos olhos, partículas de brisa pela expressão doente. Era próximo o seu fim.

Foi na tardinha de sábado. A cuidadora havia deixado seus resquícios secos no jardim, numa tentativa de recuperar ao menos um pouco dos raios solares que perdia pelo olhar e fazer com que respirasse mais dignamente. Depois de alguns minutos, ao

buscá-lo, deparou-se com a terrível imagem: ele se desfez em pó! Um montículo de finos grãos derramados sobre a esperança líquida que exalava um perfume floral delicioso. Sem saber ao certo o que fazia, a mulher cercou-o com varinhas, para evitar que o vento dispersasse o homem que virou poeira, e se retirou. Na manhã seguinte, ansiosa, foi logo verificar o absurdo cenário. Tamanha foi sua surpresa ao encontrar, no lugar em que deixou o monte de pó humano sobre a água perfumada, uma belíssima e viçosa roseira branca, toda florida! A esperança que minava do homem que secou não o deixou sucumbir na inexistência e o transformou em rosas.

O MALTRAPILHO DE OURO

Distante da sanha urbana, num terreno de solo seco, havia um galpão em ruínas, guardado por oito dobermans famintos e espessas grades de aço. Lá morava Faustino, chamado pelos conhecidos de Caveira. Era um andarilho doente, sujo, esfarrapado, submisso, cabisbaixo e monossilábico que perambulava pela cidade, pedindo esmolas e restos de alimentos para si e seus cães. Alguns diziam que o admiravam porque era humilde, outros se aproveitavam dessa suposta humildade e o tratavam como algozes tratam mártires; aos chutes, xingamentos e cusparadas. Ninguém sabia que ocupara o dito imóvel decerto esquecido por herdeiros distraídos, pois ao concluir a mendigagem diária, sumia feito um rato pelas gretas e buracos, sem deixar vestígios. Até que um bando de maus elementos conseguiram persegui-lo e descobriram o abrigo. No dia seguinte, interessados em utilizá-lo para o preparo de drogas a serem traficadas, cercaram o pobre maltrapilho numa viela deserta e o obrigaram a abandonar o local, ainda naquela noite. Caso não obedecesse, eles invadiriam na marra e o matariam. Caveira ficou apavorado! Pediu clemência, ajoelhou-se, beijou os pés dos bandidos, mas de nada adiantou. Levou, sim, foi um chute na boca, pela vergonha a que se prestou.

Chegando ao lar secreto – até a noite anterior, pelo menos – foi, como sempre, recebido festivamente pelos cães guardiões, que pulavam frenéticos ao redor de seu magro esqueleto, ávidos pela comida que trazia. Ele protegeu sua sacola plástica com alguns objetos dentro, apertando-a contra o peito, antes de distribuir o alimento. Ah, nada poderiam fazer diante de armas carregadas... Saciados os bichos, trancou-se no fétido recinto. Que lugar sombrio, triste, assustador! Apenas um colchão rasgado e carcomido por roedores sobre o chão batido, um pequeno fogareiro, um filtro escuro de tanto mofo, duas panelinhas e uma caneca. Num canto, uns poucos farrapos amontoados e muitos, muitos jornais velhos, também usados para revestir as frestas nas paredes. Quase todas as páginas eram sobre economia.

Afoitamente, correu para o tal canto onde ficavam os trapos e os vários maços de jornal e os jogou para cima e para os lados, com violência. Embaixo deles... Que inacreditável surpresa! Resplandecia um imenso baú lotado de joias, pedras preciosas, barras de ouro e dinheiro! Com olhos vidrados, Caveira mergulhou em êxtase absoluto, ao contemplar tamanha riqueza. Era como se devorasse com sofreguidão cada peça que cintilava diante de si. Gemia, gemia tal se num orgasmo incrivelmente duradouro, como se transfigurado numa entidade sagrada e soberana que sorvia prazeres sobrenaturais. Derramava as joias e moedas sobre a cabeça, lambia as pedras, apertava, acariciava as barras douradas, como um homem acaricia o corpo de quem o excita. Espalhou os tantos metais, cédulas e pedras preciosas pelo galpão, cobrindo de brilho toda a miséria, tristeza e feiura do lugar. Arrancou seus farrapos e, nu, pendurou colares e pulseiras, amarrou barras de ouro, colou pedras em cada parte do corpo esquelético; dobras, fendas, nas quase inexistentes protuberâncias. Naquele momento, o mundo inteiro se condensava no pequeno espaço, todo feito de maravilhas e alumbramentos, todo luminoso e colorido, todo fartura e regozijo! Faustino rolava sobre seu tesouro, misturando-se a ele como se formassem um único elemento. Raro, valioso, cobiçado elemento... Não, ninguém se apropriaria daqueles seus amores!

Algo diferente aconteceu. Pouco a pouco, um calor insuportável invadiu o local, um ar sufocante trouxe grande incômodo, até que o brilho intenso, quente, esbraseante transformou-se em fogo, muito fogo! A riqueza de Faustino, o Caveira, era comida pelas chamas, quase tão vulnerável como os trapos e jornais. Os preciosos metais fixados em seu corpo se derretiam e se cravavam na pele, formando uma carapaça rutilante e incandescente que o queimava até o mais profundo da essência. Lembrou-se das tantas intrigas, traições e ciladas que tramara, de quando jogou o irmãozinho aleijado no rio para não ter mais com quem dividir escassas atenções e comida, de quando negou socorro à tia solitária e doente, deixando-a morrer, com a intenção de se apossar de sua esmirrada caderneta de poupança, de ter abandonado mulher e filhos, que consumiam o pouco que juntava, dos incontáveis dias de fome que passara para economizar mais e mais... Tudo voltou à sua mente, feito um turbilhão de... glórias! Sim, agora chegava ao ponto máximo, morria com a nobreza dos superiores, com a pele revestida de preciosidades, tão maior, que até a morte esfomeada tardava em comer-lhe a vida. Sabia, não resistiria por muito tempo, era o fim, mas vivia aquele

momento com a intensidade de um deus. Ouvia os cães ganirem desesperados entre o fogo e as grades, resistindo a duras penas e inutilmente, ante o inevitável extermínio. Mas ele não; estava feliz, era um vencedor! Morreria como ninguém jamais morreu, convertido em ouro!

Os tolos pensariam que fora um desgraçado, largado no mundo, podre e fedido como as fezes amontoadas ao fundo daquele lugar, que sofrera com a solidão, com o desprezo dos outros, tudo para acumular uma riqueza da qual jamais desfrutara. Idiotas! Não saberiam que ele morria na mais absoluta felicidade, que a delícia sentida ao adorar sua fortuna era algo impossível de se expressar, tamanha a magnitude. Não precisava de comida, bebida, sexo, de ninguém. Junto às lindas meninas brilhantes, sabia-se cada vez mais amado, protegido, poderoso, invencível, pronto para espremer, com um simples olhar disfarçado de submissão, qualquer covarde escondido por trás da arrogância, que se achasse superior a ele. Quanto aos caridosos que alardeavam seus favores, eram hipócritas demais, mereciam ser enganados; e se divertia por inseri-los na ridícula condição de bobões exibicionistas. Que amaldiçoassem a avareza os que assim desejassem, mas ele a considerava a mais nobre das virtudes, a justificativa de sua existência, o que lhe cobria de radiante orgulho.

O galpão se desfazia vagarosamente. Telhas de amianto, latas, madeiras e tijolos queimados caíam sobre o corpo metálico. Os cães, àquela altura, já estavam carbonizados. Enfim, não suportando mais o calor que lhe fervilhava nervos, músculos e vísceras, abriu os largos braços e gozou, num berro ensurdecido, derretido e misturado ao imenso tesouro. Em seguida, voltou daquele delírio e sucumbiu sob as labaredas douradas. Ao seu lado, a sacola, um galão de querosene e uma caixa de fósforos destruídos pelo fogo.

O SANTO DA BAIXADA

Dr. Vincenzo Bertolazzo, psiquiatra italiano, foi designado Promotor da Fé pelos cardeais do Vaticano, para investigar o processo de beatificação do brasileiro Márcio da Silva, falecido aos cinquenta e dois anos, de causas naturais, em Belford Roxo, estado do Rio de Janeiro, Brasil, havia vinte anos exatos. Tal função fora abolida anos atrás, mas em razão da singularidade do referido processo, o papa resolveu instituí-la novamente. Afinal, seria uma boa oportunidade de calmar os ânimos dos inimigos da Igreja Católica, que a acusavam, cada vez mais perigosamente, de reacionária e preconceituosa.

Vários milagres foram relatados e atribuídos a Márcio, mas três em especial causaram espanto a todas as juntas médicas questionadas à época. O caso do transformista que teve o corpo queimado por um estandarte em chamas enrolado nele durante uma apresentação de dança e pirotecnia; queimaduras de segundo e terceiro graus o devoraram; no entanto, quatro meses depois, não havia sequer uma cicatriz! Ele afirmava ter apelado a Márcio. Outro, de uma prostituta aidética em estágio terminal, que teve sua carga viral zerada, sem medicamento algum, apenas com orações a São Márcio da Baixada, como o chamavam, fato que os médicos não souberam explicar também, embora continuassem acompanhando a paciente. O terceiro era o mais impressionante: uma menina de seis anos, moradora de rua, foi torturada e estuprada por treze homens! Destruíram vários órgãos seus, estava praticamente morta! Pois a mãe afirmava ter clamado a São Márcio da Baixada e a garota se recuperou, sem sequela alguma!

O exímio Advogado do Diabo (como era conhecido o Promotor da Fé) Vincenzo Bertolazzo conversou pessoalmente com todos os supostos agraciados com os milagres de Márcio e também com pessoas de alguma forma envolvidas nas histórias: médicos, parentes, amigos; mas não se convencia. Não era possível! Na vida do investigado, nada havia de santidade! Quanto mais a vasculhava, mais duvidava de seus poderes milagrosos.

Afinal, quem foi Márcio da Silva?

Filho sem pai que era, perdeu a mãe muito cedo e teve de enfrentar a lida sozinho. Aos quatorze anos, vestiu-se de mulher e tornou-se Marcinha; a partir de então, ninguém jamais a viu sem maquiagens, brincos e pulseiras. Sempre de salto alto, com vestidos leves e soltos, a balançar a vasta cabeleira negra que cobria-lhe a cabeça. Todos gostavam dela! Dedicava-se a cada um dos amigos como se fosse o único. Se por ventura, visse algum dos seus afetos envolvido em conflito, entregava-se inteira para a briga, em defesa do protegido. Morava num barraco de um só cômodo e tudo o que ganhava com shows de dublagens e campanhas diversas dividia com os outros. Católica fervorosa, ia à missa todos os dias. Orgulhava-se por manter a castidade e viver para Deus e o próximo. E a doação era tanta, que nenhum carola ousava condená-la, a despeito de seu comportamento nada convencional. Devota de Nossa Senhora Aparecida, mantinha sua imagem sempre brilhando sobre a penteadeira, entre dois vasilhinhos, cada um com uma rosa de cor diferente, que eram trocadas de quatro em quatro dias.

Passados três meses de exaustivas pesquisas, entrevistas e análises de laudos médicos, o Promotor da Fé Vincenzo Bertolazzo, ainda no Brasil, finalmente concluiu seu trabalho, através de um extenso relatório, no qual se lia o seguinte parágrafo final:

“Embora ainda não haja explicações científicas para as espantosas recuperações de saúde ocorridas, não creio que possam ser atribuídas ao Sr. Márcio da Silva, que aliás, apresentava-se de maneira extravagante, vestindo trajes e mantendo trejeitos femininos e identificava-se como 'Marcinha'. Seu comportamento em nada condizia com o de um beato temente a Deus. Face ao exposto, eu, Vincenzo Bertolazzo, Promotor da Fé da Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana, não reconheço sua santidade.”

Concluído o relatório, imediatamente o enviou por e-mail aos cardeais da Santa Sé e saiu para jantar, pois eram mais de vinte horas e queria despedir-se do Brasil em Copacabana. Voltaria para o Vaticano na manhã seguinte.

A Cúria Metropolitana disponibilizou-lhe um automóvel com motorista, mas naquela noite, quis apenas o automóvel. Ao terminar o jantar, resolveu dar umas voltas pelo local. Ao primeiro quilômetro percorrido, avistou, parado na esquina, um belo jovem de braços musculosos. Como se por instinto, parou o carro diante dele. O tal jovem se aproximou e inclinou a cabeça frente à janela do carona. Vincenzo nada falou. Abriu a

porta. O outro entrou. E saíram sem destino. O rapaz lhe indicou um lugar ermo, onde poderiam ficar mais à vontade. O Advogado do Diabo concordou.

O local era mesmo muito deserto, nada se via, nada se ouvia. Tudo escuro! Silêncio absoluto. Garganta seca. Olhares perdidos, misteriosos e famintos. Uma aura de ameaça rasgava o ar e deixava o nobre italiano atormentado num misto de medo e excitação. De repente, a ameaça se realizou: o forte desconhecido o dominou e encostou-lhe uma arma na boca, exigindo dinheiro! Ele jurou não ter e chorou feito criança, implorando por sua vida! Mas o marginal agia como um surdo:

– Esta arma tá cheia de balas e vou estourar seus miolos com elas, sua bicha velha e safada!

Súbito, veio-lhe à mente a figura de Márcio da Silva. Sem tempo para concatenar coisa alguma, pôs-se a clamar:

– São Márcio da Baixada, salve-me! Salve-me! Livra-me de todo o mal! Eu suplico!

O rapaz ensandecido apertou o gatilho uma, duas, três, quatro vezes. E nenhum tiro fez-se ouvir! Em seguida, como se brotasse do nada, uma viatura de polícia se aproximou, interceptou o carro e imediatamente prenderam o meliante michê, sob o choro acovardado da vítima. Dr. Vincenzo Bertolazzo, Promotor da Fé da Santa Madre Igreja Católica, estava salvo!

– Ainda bem que os senhores chegaram! Ele apertou o gatilho por quatro vezes em minha boca! Sorte que não tinha bala.

O policial respondeu espantado:

– Mas esta arma está carregada!

Havia acontecido mais um milagre de São Márcio, a Marcinha da Baixada.

A MOÇA E OS PEIXINHOS DOURADOS

Ela não teve pai e perdeu a mãe no momento em que nascia, vítima de complicações no parto. Laura foi criada, com proteção e muito mimo, por uma tia solteira, sem filhos e rica, que morreu quando a moça completava dezoito anos. Herdou, entre outros bens, a casa alaranjada de dois pavimentos, no alto da serra, ao lado de uma enorme e violenta comunidade.

Porque não se sentia segura entre as pessoas, porque tinha medo de conviver, ao apropriar-se definitivamente da casa, mandou demolir o segundo pavimento e, providenciando os devidos reforços estruturais e adaptações, construiu, sobre toda a extensão do imóvel, dentro de quatro paredes de concreto, um imenso aquário. Havia apenas uma janela que servia de passagem para ela e o sol. No interior, uma escadinha de metal, portátil e desmontável possibilitava o acesso da tal janela, muito alta, ao piso. Era como se fosse uma caverna, cercada por todos os lados e de cima a baixo pelas águas do aquário, salpicadas de graciosos, delicados e pacíficos peixinhos dourados, que pairavam para lá e para cá, esplendorando o recinto de encantamento absoluto. O espaço que comportava a moça era minúsculo, em formato cúbico, suficiente para seus movimentos suaves, seus rodopios de delírios, de braços abertos, bailando, bailando ao compasso de canções imaginárias. Chegava-se ali somente por meio da escada estreita, também de metal, avulsa, fincada na grama do jardim, rente à parede.

Ela passava horas de seus sereníssimos dias aspirando a existência silenciosa dos peixes, como se luz e cor de sua própria. Nada mais queria, nem coisa, nem gente. Não possuía vaidades, desejos complexos, vergonhas, ressentimentos, ira. Não conhecia a solidão. Só queria a eles, os peixinhos dourados, entre vegetais aquáticos e pedrinhas coloridas, cintilantes como estrelas no céu. O sol ameno que vinha de fora iluminava as águas pululantes daquelas vidinhas singelas e lindas, que pareciam dançar diante de Laura. Ela girava o corpo com mansidão, meneando, suave, as pontas da saia rodada, como se para recompensá-los por tantas alegria, leveza e paz.

A tia a criou assim, afirmando e demonstrando que existir é bonito, que o mundo que Deus ofertou a todos é encantado, repleto de maravilhas. Na verdade, não era bem desse jeito que a moça o percebia quando obrigada a estar com pessoas, sempre agressivas, mentirosas, assustadoras. Notando sua insatisfação na convivência com os outros, a poderosa guardiã providenciou-lhe mestres exclusivos; conseguiu concluir o ensino médio longe da realidade da rua. Suas amigas eram as fadas dos contos europeus; os irmãos, anjinhos de cabelos louros e cacheados que enfeitavam, tocando harpas, as imagens dos santos. Então, quando se viu sozinha na vida, teve a ideia de se proteger cercada pelo grande aquário.

Mas, lamentável, ela não estava tão protegida assim. Numa linda manhã de sábado, acordou meio confusa, em seu abrigo dentro da extensão de vidro, perto das adoráveis criaturas aquáticas. Pegou no sono sem notar, na noite anterior. De repente, uma bala desvairada, perdida invadiu sua paz, entrando pela janela. E depois outra. E muitas, muitas outras! Havia um tiroteio na comunidade vizinha! As balas despedaçaram o aquário impiedosamente! As águas fartas avançaram contra a janela, levando para fora tudo o que havia à frente. Em pouco tempo, despejados e mortos sobre cacos de vidro e sangue na grama do jardim, a moça indefesa e vários de seus pacíficos peixinhos dourados. A realidade da rua rompeu a redoma de sonhos.

O CRIME

Uma aglomeração de gente alvoroçada e falante se formou. Trânsito completamente engessado numa das principais avenidas da cidade. Eram quase sete horas da manhã. O Serviço de Resgate fora acionado e já trabalhava para retirar o corpo da menina de dentro do rio que atravessa o centro urbano. Inchada. Morta. Ela estava morta! Por mais que tentasse, Flávio não conseguia concatenar o fato. Lembrou-se de quando se conheceram, ele no carro parado no sinal, ela pedindo esmolas; chegou frente à janela do veículo, pediu um trocado, ele deu, perguntou seu nome, idade, Quênia, onze anos, sobre o machucado em sua mãozinha, ela disse que foi o irmão mais velho que a queimara com cigarro, só de ruim. Contou também da mãe bicuda e preña, do pai preso, do casebre de um cômodo na favela, onde morava com mais oito.

Por dias seguidos, a cena se repetiu naquele sinal, no mesmo horário. Havia algo em Quênia que encantava Flávio de forma arrebatadora. Não perdeu tempo, convidou a menina para morar com ele, no apartamento em que vivia solitário. Ela aceitou de pronto e, orientada a avisar a mãe, respondeu: “ninguém vai notar que fui embora”. O homem sabia que estava cometendo um crime, praticamente um rapto; de criança! Mas não conseguiu resistir. Aliás, sensatez não era seu forte.

A pequena ficou maravilhada ao conhecer seu novo lar. O apartamento de Flávio não era dos mais luxuosos, mas para quem dividia cada palmo com tanta gente, era, sim, um palácio. Ele preparou um cigarro de maconha e fumou deliciado. Ela também fumou. Comeram, conversaram bobagens e durezas – o moço se impressionou com a maturidade amarga da criança – jogaram videogame, tomaram banho, cheiraram cocaína, beberam, comeram mais, fumaram mais, conversaram mais, até anoitecer.

– Bem, o apartamento só tem um quarto, mas cê pode dormir na sala.

– Quero dormir com o senhor.

– Ah, menina danada, não faz isso. Já não tenho juízo nenhum, meus trinta anos funcionam como quinze, e cê inda me atenta desse jeito...

– Tenho tamanho de menina, mas já sou mulher.

Sem pensar muito, como era seu hábito, Flávio cometeu a violação, dominado pelo desejo. A partir daquela noite, passaram a ser um casal. Apresentou Quênia aos funcionários do condomínio e aos poucos vizinhos que conhecia, como sua irmã caçula, que veio passar uns tempos com ele.

Estava irremediavelmente entregue, dependente da existência da pequena criatura, que tornou-se o maior de seus vícios; o mais forte, o mais inebriante, o mais devastador. Alcoolista, maconheiro, cheirador e apaixonado. A menina já conhecia todas aquelas drogas, mas sob a influência do amante, mergulhou-se ainda mais em cada uma delas.

Enquanto horas, dias e meses eram engolidos na voracidade afoita do tempo, o casal realizava sua história incomum. Aos poucos, Flávio foi se tornando mais equilibrado, responsável, dedicava-se ao trabalho, pensava em consequências, media atitudes, sempre que possível; e Quênia, cada vez mais reduzida às vontades do homem, a serva amante, que se drogava por todo o dia, para suportar a solidão e um sentimento que não compreendia direito, de ausência de si mesma. Ele não permitia que ela saísse, com medo de que fosse descoberta a relação ilegal e durante o tempo em que estava no trabalho, a menina mulher se mantinha presa em casa. Não que a trancasse, nada disso, ela própria se considerava trancada. Em mundo estranho, desconhecido, que não era seu, como se expatriada, distante, esquecida, amputada de sua própria origem. Não percebia, mas perdera a identidade, até o sofrimento era diferente. Todas as noites, ao voltar do trabalho, o moço a encontrava bêbada ou drogada. Aí se banhavam, comiam, ela melhorava um pouco e trepavam. Trepavam demais. Quênia já havia passado por dois abortos, obrigada por Flávio, que não queria mais complicações. Ela fazia cobranças, ele fazia cobranças e a relação foi se embolando num lodo viscoso de tormentos e agressões. A diferença era que ele se sentia mais e mais homem, macho, dominador, poderoso, seguro, provedor e ela, mais e mais dependente, indefesa, frágil, carente, perdida, viciada. Era como se o homem tivesse acumulado somente para si toda a energia do casal, enquanto a menina murchava e se desmanchava dia após dia, porque ele devorava, esganado, seu resto de vida.

Mas ela se cansou. Durante a madrugada, Quênia se levantou da cama bem devagar, para que ele não percebesse. Aos passos e movimentos leves, cheirou, fumou, se picou, abriu a porta com cuidado e saiu, completamente nua. Flávio acordou em seguida, levou um tremendo susto ao não encontrar a amante, pulou da cama, vestiu a roupa às

pressas e foi à sua procura. Já era manhã. Ao ver o tumulto na beira do rio, aproximou-se, apavorado. Ouviu rumores, a menina havia se jogado – diziam. Quênia estava morta. Milhões de agulhinhas se fincaram no seu peito, nos seus nervos, no corpo inteiro, na consciência. Procurou os policiais que registravam a ocorrência:

- Fui eu que matei.
- Mas foi um suicídio.
- Não! Eu a joguei nesse rio.

O RITO

Dia ensolarado numa cidadezinha pacata e piedosa do interior, onde, em meio às ruas estreitas, casas sem muros e quermesses na pracinha à frente da igreja, ainda existia a inocência.

– Mundinho, ô Mundinho, espera! Tenho que te contar uma coisa.

O menino já estava do outro lado da rua, quando seu amigo Acácio o chamou. Tinha pressa, ia comprar o remédio da avó adoentada.

– O que foi, Acácio, que apavoramento é esse?

– Sabe aquele negócio que te contei?

– Qual dos negócio? Cê me conta um tanto!

– Aquele, de bater punheta, que é pecado... Pois então, minha mãe me obrigou a ir confessar com o padre Amadeu, lá na casa paroquial. Aí eu contei tudo pra ele...

– Cê contou? Cê é doido?

– Sim, contei tudo. Contei que faço isso um monte de vez por dia, desde fim do ano passado, que gozei da primeira vez.

– E ele não te excomungou?

– Não! Por isso que vim atrás docê, porque sei que ocê também sente medo quando faz isso, que sua vó falou que menino que faz indecência vai pro inferno. Ele fez umas reza, uma coisa lá e disse que tava puxando o pecado de mim; mas falou que eu não posso dizer pra ninguém, senão a reza falha e o castigo vem maior ainda. Mas cê é meu amigo, procê eu falo sim. Vai lá, sô! Cê sai de lá perdoado, limpo de pecado, pode até fazer de novo. Ó, não conta que eu te falei nada não, hein?

– Ah, eu vou, eu vou! Pó deixar, não vou contar nada.

Quarenta anos de sacerdócio. Padre Amadeu já estava cansado das senhorinhas beatas que o rodeavam feito mariposas na luz com tagarelices bobas, irritantes e que passaram pela vida absolutamente incólumes ao senso crítico, embora ele não dispensasse convites para almoços ou aniversários infantis em suas casas. Adorava-os! Gordo, lento, com dores pelo corpo, vivia perturbado, se questionando quanto ao

préstimo ou não de ter cedido a própria existência a um rebanho tão estulto. Ah, mas foi por amor à humanidade – confortava-se. Contudo, no fundo, no fundo, sabia que foi também, ou principalmente, para estudar e comer do bom e do melhor de graça, para dormir numa caminha aconchegante, para usar banheiro com descarga, para tomar banho de chuveiro quente... Antes do seminário, vivia na miséria. Ter caído nas graças do velho padre Bento, na humilde igreja de sua terra, abriu-lhe as portas da ordenação. Espantava os sussurros de culpa que o infernizavam, pois tudo o que a Arquidiocese lhe concedera, devolvia em dobro, quando fazia mentiras se tornarem verdades, contrariando suas convicções mais íntimas.

Nas tardes de sábado, ficava especialmente satisfeito. Era dia de catequismo e fazia questão de dar as aulas, pois gostava muito das crianças, verdadeiros alentos à sua vida insossa. Chegou à casa paroquial ainda sorrindo, lembrando das gracinhas dos alunos. Preparou seu chazinho e já se ajeitava para o repouso de sempre, quando a campainha tocou. Fez careta, balbuciou algumas pragas, mas foi atender. Era Mundinho:

– Oi, padre Amadeu, eu queria confessar com o senhor.

– Mas agora, menino?

– É porque eu tive coragem agora.

– Tudo bem, pode entrar. Você é o Mundinho, neto da dona Olga, não é isso?

– Sim, sou.

Sentaram-se um diante do outro. O menino se incomodou um pouco com a iluminação precária do lugar, quase penumbra. Observou rapidamente a mobília antiga, o grande armário de madeira escura à sua frente, as caras chorosas nos quadros de imagens sacras, dependurados nas paredes pintadas de cinza claro, as várias peças douradas e prateadas. Tudo bonito e triste. Ah, ficou impressionado.

– O que o traz aqui, menino?

– É que... Ah, eu tenho vergonha.

– Não precisa ficar com vergonha, você está na presença de Deus e Ele perdoa tudo!

– É que todo dia, quando tô tomando banho, eu... eu...

– Sei, sei. Você fica brincando com seu piupiu, não é?

– Como o senhor sabe?

– Ora, eu sou um representante de Deus na Terra. Eu sei de tudo! Quantos anos você tem?

– Treze.

– Ah, com essa idade o perdão vem mais fácil. Não se preocupe, filhinho, que vou purificá-lo, vou sugar o seu pecado para mim, porque tenho mais intimidade com Deus. Mas ouça bem! Jamais! Jamais conte a quem quer que seja sobre o que acontecerá aqui, está certo? Se contar, você receberá um castigo terrível, será expulso da casa de sua avó e até da cidade! Até do mundo!

Os olhos de Mundinho pareciam prestes a escaparem de seu rosto, de tão arregalados! Estava em pânico! Mas não dava mais para voltar atrás. Padre Amadeu, com uma dificuldade humilhante, entre gemidos e esgares pavorosos de dor, ajoelhou-se diante do menino, que permanecia sentado numa confortável cadeira. Ordenou-lhe que tirasse o short e a cueca e abrisse as pernas, ordem esta afoitamente obedecida. Pronto. Iniciava-se o rito. O líder religioso se apossou do virgem órgão genital, àquela altura já entumescido, rijo e latejante, apertando-o com todos os dedos da mão esquerda e esfregando-o para cima e para baixo. Ergueu a cabeçorra, olhou para Mundinho, viu que ele gostava do que acontecia ali. Imediatamente, resfolegando, arfante como fera exausta e faminta, abocanhou todo o seu pênis. O menino se assustou, pensou por um momento que o padre iria mordê-lo até arrancá-lo de seu corpo, mas logo relaxou, percebeu que o velho apenas o chupava; com enorme voracidade, mas apenas isso. Estava gostoso demais sentir a língua, as bochechas fofas, úmidas e quentes envolvendo aquela sua parte tão preciosa. Não conseguiu mais segurar, expeliu seu pecado ralo na garganta do sacerdote, que o bebeu todinho, com extrema gana. O rito estava concluído.

Os instantes seguintes se fizeram no mais absoluto silêncio. Ouviu-se apenas os gemidos de Amadeu, enquanto se recompunha da genuflexão. Mundinho se vestiu ligeiramente, ainda espantado com tudo aquilo, mas aliviado também. Estava leve, limpo, estava livre de seu pecado! Nunca sequer imaginou que fosse tão bom se livrar de um pecado. Quando saiu, escutou o padre dizer, com o rosto encostado na porta quase fechada:

– Se pecar de novo, filhinho, pode voltar.

TRAMA

Aconteceu no princípio do século vinte, no litoral do país. Manoel Jacinto era um imigrante português, pescador habilidoso, mas não gostava de ensinar as técnicas refinadas do ofício aos habitantes das redondezas; só o fazia em troca de favores e agrados; de quitutes gostosos a farras de indecências com solteiras irreversíveis.

Quase todas as noites, ele se encontrava com uma rapariga morena e magra, de longas madeixas negras, que usava saia bem rodada e comprida e uma máscara que lhe escondia o rosto. Eles entravam num esconderijo sob o monte de pedras grandes, perto da praia. Lá, trocavam confidências e juras, cheios de paixão, mas nunca chegavam aos carinhos, porque a moça não deixava. Isto fazia com que o português ficasse mais encantado ainda.

Esse chamego começou assim: havia uma cafuza rezadeira, já bem velha e muito sábia nas imediações, que fazia curas, juntava casais, indicava caminhos e outras magias, de nome Jandira. Certa vez, Manoel Jacinto lhe pediu que visse o seu futuro. Não acreditava muito nessas coisas, mas cismou de querer. Foi atendido de pronto, coisa rara, geralmente a senhora respondia com brutalidade a esses pedidos, sempre negando. Gostava de benzer, não de olhar a sorte. Ela o recebeu em sua modesta choupana e assim que fez a primeira reza, disse-lhe:

– A morena da máscara vai mudar a vida de ocê.

Espantado, ele perguntou insistentemente:

– Que morena? Que morena?

A benzedeira repetiu por três vezes, sem acrescentar ou tirar nada:

– A morena da máscara vai mudar a vida de ocê.

O curioso foi que depois disso, Manoel não conseguiu mais arrancar do pensamento a tal morena da máscara.

Passaram-se alguns dias. Era sexta-feira à noite. Os pescadores faziam uma festa religiosa na praia. O solitário e pensativo português conversava com alguns companheiros, quando avistou a moça mascarada. Ah, então ela existia mesmo! Era

nova por ali, ninguém a conhecia. Provavelmente, filha de algum forasteiro recém-chegado. Devia ser devota de uma entidade do mar, talvez a máscara fizesse parte de um ritual. O encantamento de Manoel Jacinto foi arrebatador e imediato! Que feitiço seria aquele? Trocaram olhares. Ele se aproximou, como se hipnotizado e logo se harmonizaram. A partir dali, sucederam-se os encontros.

Dona Jandira tinha um neto também pescador, chamava-se Damião. Aplicado, era o único dos nativos que aprendia, cada vez com maior desenvoltura, os modos de pescaria do português, que ficava intrigado, pois, conforme já dito, não gostava de passar seus saberes para ninguém gratuitamente. Como aquele moço aprendia? Damião era muito calado, não tinha amigos, evitava aproximar-se dos outros. Diziam que era assim porque matou a mãe com seu nascimento e, conforme explicava a avó curandeira, precisava viver o mais isolado possível, para pagar tal pecado. Sua pesca era farta, os peixes pululavam em sua rede. Manoel estava preocupado, porque, em seu jeito de pensar, se alguma outra pessoa soubesse tanto quanto ele, correria o risco de perder as regalias, sua importância no lugar. Por outro lado, algo no ágil e franzino pescador o envolvia, despertava seu encanto. Fazia esses desabafos nos encontros com a morena, que era muito interessada em seu ofício, em seus conhecimentos e feitos, vantagens e segredos. Ele sempre lhe contava tudo.

Os dias no povoado custavam a passar, havia uma lentidão quase parada nas coisas e um marasmo inevitável incomodava todo mundo. Manoel Jacinto também sofria as consequências daquela pasmação. Já se cansava dos encontros com a moça, precários e limitadores. Foi o que disse a ela:

– Não suporto mais manter distância de teu rosto, de teu corpo, estando assim, tão perto. Por que não posso tocar-te? Nunca abracei-te, beijei-te, não conheço tuas feições, quase não escuto a tua voz! Nem teu nome sei! Pouco falas comigo! Somente falo eu; o que me faz bem, não nego, mas quero mais. Preciso de mais! Quero intimidade contigo!

Diante do silêncio da amada, ele se aproximou e agarrou-a abruptamente, a ponto de arrancar parte de sua roupa. A moça tentou contê-lo, mas não conseguiu. Manoel, transtornado, puxou, rasgou, arrebatou os tecidos, a máscara e depois a beijou à força, acariciando com afoiteza os cabelos e tocando seu corpo inteiro com sofreguidão. Foi aí que teve duas surpresas: as longas madeixas negras ficaram em sua mãos! Uma peruca! A segunda era enorme! E-nor-me! Ah, que desconcertante

surpresa! Que desatino! A morena da máscara era moreno! Era Damião! Despido do disfarce, o rapaz, também muito assustado, contou tudo:

– A ideia foi da minha vó, ela sabia que o senhor não ia ensinar a lida da pescaria pra ninguém e nós queria aprender, pra não depender de nenhum explorador e ganhar dinheiro no povoado, com o aumento na quantidade de peixe pescado e vendendo ferramenta pra manejo nos barco. Ela achou que eu vestido de mulher misteriosa ia ter mais chance de tirar o saber da boca de sua pessoa. E tava certa; como Damião, aprendi quase nada, mas disfarçado, aprendi muito. Mas eu fiquei gostando de encontrar com o senhor aqui, de escutar o senhor falar, tinha vontade de contar a verdade, mas não tinha coragem. Fiquei triste, que descobriu assim.

E se recompôs, para sair. Foi impedido pelo português, que o segurou pelo braço:

– Espera! Não sei que mandinga é esta, mas não conseguirei afastar-me de ti. Mesmo sabendo que és um homem como eu, desejo-te, desejo-te ardentemente e sinto que me desejas também. Fica comigo! Ninguém precisa saber! Podemos continuar nossos encontros às escondidas! Posso ensinar-te tudo o que sei e trabalharmos juntos, ganharmos juntos! O que achas?

O moreno, permanecendo em silêncio, com um beijo, demonstrou assentimento.

A paixão do casal secreto e proibido aumentava a cada dia e nada poderia ameaçá-la, pensavam. Movidos pelo calor da alucinante sensação, unidos, produziram ainda mais e em pouco tempo, todo o povoado se beneficiou dos sucessivos progressos, alcançados a partir da pesca e da venda em larga escala dos peixes. Estabelecimentos comerciais foram abertos, as choupanas já não eram tão rústicas, construíram até uma capelinha. Os nativos todos, desde as crianças até os mais velhos, reverenciavam Manoel Jacinto e Damião, seu competente parceiro de trabalho e sócio. Os imbatíveis companheiros eram adorados. Festas e mais festas, homenagens, convites para almoços, aniversários, alguns casamentos e muitos, muitos batizados.

Quando o tesão era forte, incontrolável, seguiam para o esconderijo entre as pedras e aliviavam seus instintos esfomeados. Já não havia saia rodada, peruca e máscara, já não esperavam anoitecer, era na hora que desse vontade, mesmo com sol a pino. Aqueles dois pegavam fogo! Só que tanto apetite custou-lhes um preço alto demais: um grupo de pescadores, descontroladamente curiosos e instigados por gente venenosa, resolveu segui-los numa daquelas fugidas repentinas. Pelas gretas entre as pedras, ouviram e viram tudo. Em poucos minutos, todo o povoado já conhecia a

história de amor pecaminoso de Manoel e Damião e não demorou para que os moradores tomassem uma decisão drástica: eles foram expulsos! Alegaram seus feitos, dedicação, responsabilidades sobre o progresso do lugar, fizeram chantagens, mas de nada adiantou, a repulsa do povo engoliu sua memória, gratidão e dependência. Sob ofensas, pedradas, escarros e fezes muito fedidas, os pecantes se foram e as coisas voltaram ao normal rapidamente. Os espectadores da safadeza evitavam falar e até mesmo lembrar-se do ocorrido, queriam varrer a desonra do lugar, sentiam-se imundos por terem simplesmente presenciado tamanho absurdo. Eram tão puros! Tão bons! Tão justos! Não mereciam testemunhar tanta vergonha! Não mereciam um castigo tão grande!

Jandira fingiu que de nada sabia, que também foi enganada e que a decepção com o neto doía muito. Alguns ainda ficaram desconfiados, mas logo se convenceram, depois de ouvirem insinuações ameaçadoras que fez, alardeando sobre seus poderes de feiticeira. A revolta do povo não engoliu o medo de suas macumbas. Como se alfabetizara na juventude graças à caridade de uma sinhá, prevenida, teve o cuidado de anotar tudo o que Damião aprendia com Manoel Jacinto. Estudava sobre pesca marítima e esclarecia dúvidas com o rapaz. Chegou até a praticar o ofício, em companhia dos sábios trabalhadores. Por isso e valendo-se da absoluta letargia dos habitantes do lugarejo, tornou-se dona de um império pesqueiro imenso, que caiu de lambuja em seu colo. Nunca mais teve notícia dos dois vagabundos imorais. E nem queria ter. Jamais saberiam que foi ela quem instigou a curiosidade dos pescadores e deu-lhes a ideia de seguir os malditos. Afinal, aquele macho-fêmea dos infernos, que fora obrigada a criar, tinha de servir para alguma coisa.

SOBRE O AUTOR

MARCO AURELIO VIEIRA nasceu no Rio de Janeiro, no ano de 1969, e mudou-se para Belo Horizonte ainda pequeno. Desde muito cedo viu-se arrebatado pela literatura graças à influência da avó, leitora voraz que contava apaixonadamente histórias, proporcionando ao neto viagens mágicas inesquecíveis. Por volta dos oito anos de idade Marco percebeu que não lhe bastava só a leitura, queria criar suas próprias histórias. A partir de então foram folhas e folhas de papel almaço inundadas de textos que, juntamente com os livros, faziam-lhe companhia por horas e horas a fio na infância solitária que teve. Na juventude, teve de afastar-se da literatura para se dedicar ao mercado de trabalho. Mais tarde, resgatado o hábito de leitura, aos vinte e quatro anos escreveu um romance (jamais publicado) e a partir do ano de 2009 voltou a escrever com regularidade. Declara não ter a ilusão de que a literatura lhe dê algum retorno financeiro, mas tem a convicção de que ela é imprescindível para sua existência enquanto humano. Vários de seus textos, tanto em verso quanto em prosa, se encontram atualmente em suas páginas nas redes sociais.